

Guilherme Alves

Organização

Coletânea
Litere | *se*
Contos



encontro de
narrativas

coletânea

Litere | se contos

Guilherme Alves

Organização



Realização



Apoio



ENCONTRO DE NARRATIVAS

encontrodenarrativas@gmail.com

Todos os direitos reservados.

COORDENAÇÃO EDITORIAL:
Guilherme Alves

CAPA E ILUSTRAÇÃO:
Lucas Limaciel

REVISÃO E PREPARAÇÃO:
Jonihelder Ferreira

DIAGRAMAÇÃO:
Claudemir Carlos

JÚRI DO LITERE-SE: CONCURSO LITERÁRIO DOS INHAMUNS

Guilherme Alves – Organizador do concurso e representante da Cia. Artes Cínicas de Teatro
Robson Cavalcante – representante da Academia Tauaense de Letras e Escola Livre de Teatro dos Inhamuns

Regina Stella – Professora de Língua Portuguesa e representante da Associação Arte Jucá

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Coletânea litere-se [livro eletrônico] : contos /
Guilherme Alves, organização. -- Tauá, CE :
Encontro de Narrativas, 2022. -- (Coletânea
litere-se)
PDF

ISBN 978-65-994051-2-9

1. Contos brasileiros - Coletâneas I. Alves,
Guilherme. II. Série.

21-96646

CDD-B869.308

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Antologia : Literatura brasileira
B869.308



sumário

apresentação	6
contos regionais	7
o depois	8
a reza	11
o dia em que a terra parou.....	19
otimizando a vida em quarentena e pensando nas mudanças	23
contos nacionais	27
o padre na janela.....	28
quarentérica.....	33
o abrir das janelas.....	37
os imitadores	47
o milagre da vacina	49
mãe.....	53
enfim na rua, no mundo e além.....	55
esperança.....	58
“novo normal”	62
duelo sobre a mesa	66
ressignificação	72

o recomeço.....	77
minha liberdade.....	81
quase trágico.....	83
inaê e os povos.....	84
conto pós-pandemia.....	87
quarentena enloquece quarentona.....	96
cinetose.....	98
o sol tem cabelos longos.....	103
falta gente.....	107
depois da máscara.....	112
o mundo pós-pandemia.....	114
sonho apocalíptico.....	116
o reencontro.....	121
janelas da solidão.....	128
os dias depois da pandemia.....	131

apresentação

Incentivar a escrita e a leitura faz parte dos nossos propósitos!

No Brasil, milhares de pessoas estão, dia após dia, escrevendo, criando, contando, inventando e reinventando narrativas que ajudam a compor a história do nosso povo através da literatura.

Pensando sobre isso, o *Litere-se: concurso literário dos Inhamuns*, realizado por meio de uma parceria entre a Escola Livre de Teatro do Inhamuns – ELTI, através do Associação Arte Jucá, Cia. Artes Cínicas de Teatro e Academia Tauaense de Letras – ATL, selecionou, durante o ano de 2020, contos e poesias de diversos escritores e escritoras Brasil afora, provocando-os a refletir, através desses dois gêneros, sobre o período de pandemia do Covid-19.

— *Como cada escritor(a) estava vivenciando esse momento histórico da humanidade?*

— *Como registrar esse momento na nossa literatura?*

As respostas para essas indagações estão disponíveis neste e-book, em forma de contos, que emocionam e nos leva a refletir sobre nossa efemeridade.

Convidamos você, leitor(a), a degustar e divulgar este conteúdo. Aprecie novos escritores(as) e exercite a leitura!

Guilherme Alves



contos regionais

o depois

Após muito tempo ela pode ficar calma, passou um verdadeiro pesadelo. Perdera sua mãe. Foi como se tivesse perdido a si mesma. Na verdade, é assim que nos sentimos quando alguém que amamos parte. Ela acreditava que o fim da vida não era em um caixão, apenas o término de um ciclo, mas a forma como aconteceu mexeu muito com seus sentimentos. Simplesmente pelo o fato de não poder se despedir, não poder ver o corpo da sua amada mãe mais uma vez. No enterro apenas ela e o coveiro. Isso a fez refletir sobre a vida, sobre como chegamos sozinhos e vamos embora da mesma maneira.

Aquele período de doença coletiva, passou. Porém, ficaram algumas restrições, especialmente em lugares públicos. Como o ser humano é um ser adaptável, logo conseguiram conviver com essas mudanças que a doença deixou. Juliana, seguiu sua vida, dentro nova normalidade. Conseguira um novo trabalho, conheceu outras pessoas e, de certa forma, voltou a viver. Apesar de tudo, algo dentro dela era como um buraco que nada conseguia preencher. Não era apenas o luto, a saudade, era algo além e ela não sabia explicar. Na verdade ela nem tentava falar sobre, pois

era algo tão dela. Sentia o seu novo Eu se formando, incompleto, mas em formação.

Juliana um dia saiu com um colega de trabalho, ele era um rapaz interessante, sonhador, falava bastante, o que ela gostava, pois era do tipo de ouvir, então ele falava pelos dois. A caminho do restaurante vinham relembrando sobre o período de isolamento. Nesse momento, o pensamento de Juliana divagou, refletindo sobre como as pessoas puderam aprender a valorizar as pequenas coisas que antes nem mais notadas eram, até mesmo pela correria rotineira, a busca desenfreada por ganhar dinheiro e crescer profissionalmente.

Juliana acreditava que tudo isso tivera um propósito maior do que se podia ver, não era apenas partes ruins. Grandes coisas saem a partir do caos. Ela sonhava que as pessoas pudessem valorizar o contato físico, sair mais do celular, sair mais do mundo virtual e viver o mundo real. Valorizar não apenas ali, ou só ali, expondo para todos, mas falar cara a cara com pessoa o quanto ela é importante e faz bem, demonstrar sentimentos... Antes, falar de amor tinha se transformado num sinal de fraqueza. Juliana, apesar de ter perdido alguém tão maravilhosa como sua mãe, sabia que fez tudo que pode quando tivera do seu lado fisicamente para fazê-la feliz. Demonstrar o que sentia tornou-se uma parte de si. Fazer valer a pena cada minuto, pois não queria que as palavras ficassem subentendidas, queria gritar para o mundo o amor

que trazia dentro de si, apesar de em muitos momentos sentir um buraco no peito, sem explicação.

Chegaram ao restaurante e continuaram a conversar sobre os momentos vividos tão recentemente. As dificuldades, as perdas, o que foi superado. Juliana sentiu uma satisfação profunda por poder estar ali com aquele rapaz, tão extrovertido. Olhou para a mesa ao lado, viu uma família almoçando, as crianças brigando pra fazer o pedido de um doce, a mãe explicando o motivo deles não poderem comer a guloseima na hora do almoço. Enfim, ela viu que a vida continuava, mas que de alguma maneira, a tristeza vinha sendo substituída pela sensação de agradecimento, pela possibilidade de ter contato com a família de novo, de poder sair com os amigos, de poder dar um simples abraço. Prazeres que nos moldam e nos fazem felizes verdadeiramente. Juliana sabia que a partir dali o mundo já não seria o mesmo e aquela constatação preencheu o buraco em seu peito. Viver tem seus desafios, mas quando se olha além deles a vista é gratificante.

a reza

A mesinha era empertigada com gotas de parafina. De tantas que eram, mal via-se a madeira, apenas a brancura de vela derretida. A santa segurava firme em seu dorso o terço, que mostrava nas contas e na linha que já havia regido muitas rezas. Havia um pequeno espaço naquele santuário para o rádio. Dona Cilda colocava-o na mesinha e ligava-o sempre na mesma emissora: Sacramento Diário.

Dona Cilda fazia isso toda manhã desde que alguém possa contar. Era um ritual. *Nasceu para a reza*, diziam. Ela apegou-se à mesa, à vela, ao rádio, ao mesmo terço e até ao mesmo local de cada um dos objetos. Mudar qualquer algo daquilo era macular sua fé.

Após a reza finda, Dona Cilda fazia o café, molhava o cuscuz e punha o feijão de molho para o almoço. Era outro ritual.

Zequinha, seu neto, não demova a acordar. Bebia café e comia o cuscuz. Vestia-se e ia. Esse era seu ritual.

— Hoje voltarei mais tarde. Irei encontrar Rosinha — disse certa manhã à avó. *Já não volta todos os dias?* Pensou Dona Cilda,

mas isso não disse. — Quando irá trazer Rosinha para tomar um café aqui? — disse finalmente.

— Rosinha não gosta de café— respondeu o neto e fechou a porta atrás de si. Talvez não fosse o café o motivo pelo qual Zequinha nunca levava Rosinha à casa.

Zequinha é muito reservado, dizia Dona Cilda quando questionada por nunca saber nada sobre Zequinha. Certa vez, Zequinha demorou tanto a chegar que Dona Cilda perdeu a conta da reza e saiu à procura do neto. Perguntou a um e outro sobre o paradeiro, mas ninguém sabia dizer. Sem sucesso, voltou para casa. Esperou, esperou e esperou. Quando o galo quase cantou, Zequinha chegou.

— Onde estava? — perguntou Dona Cilda com o terço na mão e o cheiro de vela empertigando a casa.

— Estava na casa de Rosinha. Já fez o café? Tenho que ir logo — disse Zequinha, enquanto encaminhava-se para o quarto, à procura da roupa do trabalho.

— Você já vai? — dona Cilda colocou o terço no bolso do vestido de chita e foi fazer o café.

— Tenho que ir. As covas que cavamos ontem já acabaram — Zequinha saiu do quarto vestido em seu macacão de jeans grosso. — Não irei esperar pelo café — saiu.

Dona Cilda nunca gostou do emprego do falecido esposo. Seu Zé trabalhava no cemitério da cidade e não houve dia que Dona Cilda não rezasse por sua alma. *Não é a mim que enterro*, dizia Zé quando Dona Cilda soltava que rezava por ele. Aquela sina parecia não findar. Quando Zé teve de usar uma das covas que cavou, Zequinha assumiu o lugar do avô no trabalho. *Quem faz a cova e à usa, amaldiçoa a família*, diziam as remeiras. Dona Cilda fez o que pode: aumentou a reza, uma para o falecido, outra para o neto.

Era mulher fiel. Não faltava uma missa de domingo. Não havia mês que Dona Cilda não se confessasse ao Padre. Certa vez indignou-se quando o padre disse que parecia que o único pecado dela era rezar demais. Aquilo foi um disparate.

Não era domingo, mas Dona Cilda colocou seu manto sobre a cabeça e foi à igreja.

— Padre, preciso me confessar — disse Dona Cilda ao pé do padre. — Padre, eu pequei. Eu tenho vergonha, não consigo mais rezar, minhas preces não serão mais ouvidas.

— Calma, minha filha, conte-me o que houve — disse pacientemente o padre.

— Padre, é o meu neto. Zequinha trabalha muito no cemitério, o senhor sabe, cavando covas, e ainda tem essa Rosinha,

padre. Zequinha não fica mais em casa. Quando não está trabalhando, está com a moça. Ah, padre, eu só o tenho, meu netinho. Eu só queria mais tempo com ele, padre. Em umas de minhas rezas, eu pedi para que ele ficasse mais em casa, padre, só isso. Padre, isso é muito errado? Eu sei que é. Mas quanto? Quantas tiradas de rezas, padre? — Dona Cilda estava trêmula e ansiosa pela penitência.

— Dona Cilda, isso não é pecado — disse o padre, para decepção dela.

— É sim! — replicou. — Padre, não seja misericordioso, deixe que isso eu peço de minha santa.

— Tire um terço três vezes pela manhã e três pela noite — disse o padre em resposta. — Obrigada, padre, Deus abençoe. Até domingo — disse a fiel.

— Dona Cilda, domingo não teremos missa. Nos vaticinaram, ordens de cima, as portas da igreja serão fechadas, talvez demore assim, uma infinidade de dias, não sei, reze para que não— comunicou o padre, fitando a fiel desolada.

Dona Cilda ficou estarecida. Fechar as portas da igreja era um sacrilégio. Ela cumpriu o dobro de sua penitência, *nunca é demais rezar*, dizia para si mesma. Até um dia, quando sua petição pecaminosa foi atendida.

— A Rosinha foi para a casa do avô, longe demais. O pai dela mandou ela para lá, para se proteger — disse Zequinha, quando chegou do trabalho, tão baixo que Dona Cilda precisou chegar mais perto para ouvir.

A tristeza de Zequinha era embalada pelas cantarolas de Dona Cilda. As noites dele agora eram só dela. Pelo menos pensou ela. Zequinha enfurnava-se em seu quarto e Dona Cilda continuava só, acompanhada apenas pela voz no rádio do padre que regia a missa.

Os dias iam se passando, Dona Cilda continuava com sua penitência, Zequinha acordava cada vez mais cedo e chegava cada vez mais tarde. Dessa vez, Rosinha não tinha culpa. A culpa era das covas. De fato, ouviu no rádio as autoridades máximas dizendo quantos mais cada vez morriam; muitas covas mais precisariam.

Oh, minha santa, ouça-me mais uma vez. Meu Zequinha trabalha tanto, é só o que tenho, oh, santinha, faça... Não era capaz de dizer, mas o coração disse, e foi suficiente. No outro dia, Zequinha chegou cedo, acompanhado de um rapaz do mesmo naipe: vestido em um macacão jeans grosso e sujo de terra preta. Mas o rapaz não tinha no macacão o que Zequinha tinha: sangue. Zequinha havia cortado a perna enquanto cavava covas.

Dona Cilda agora cuidava de Zequinha, *parece que é uma criança de novo*, dizia a si mesma quando ia deixar sua comida. *Obrigada, minha santinha*, dizia silenciosamente. Antes, o que era pecado, parecia que não era mais. Zequinha passava os dias em casa, vez ou outra trocava uma conversa com Dona Cilda, e isso era suficiente para deixá-la em uma alegria só.

Certa noite Zequinha recebeu uma ligação, era Rosinha. A tristeza de imediato enrubesceu o jovem. Rosinha terminara com Zequinha. Mesmo pela vontade, Dona Cilda não soube o motivo. Dias adentro e o rapaz não pilerava uma palavra sequer. *Oh, minha santa, o padre tinha razão? Rezar demais é pecado?* Perguntava-se ao ver o neto em profunda tristeza. Arrependeu-se dos pedidos feitos, das rezas para o neto ficar mais em casa. Fez o que pôde: rezou mais.

O sentimento de culpa apunhalava Dona Cilda cada vez que passava pelo quarto do neto e via o negrume pairar lá. Suas rezas teriam sido tão prontamente atendidas? Não era assim que ela queria. *Pedi uma faca sem cabo*, pensava.

Os dias se passaram e a dedicação de Dona Cilda em reverter seus pedidos era tamanha. Enquanto Zequinha parecia fazer em seu quarto, Dona Cilda calejava os dedos de contar contas.

Zequinha, quando por milagre saía do quarto, via a avó ao pé da mesinha balbuciando palavras, de tão miúda que ficava, parecia menina.

— Vó, a senhora não faz nada além de rezar? Queria saber para o quê tanto reza — disse uma vez Zequinha.

— Rezo por você, meu filho — respondeu piedosamente.

— Pois então reza pra santa errada — atacou Zequinha. *Rezei as palavras erradas*, pensou em dizer, mas nada disse. Apenas acrescentou mais uma reza, pedindo perdão pelo neto.

Sempre de terço na mão, Dona Cilda ia lá e cá na casa culpando-se por tudo que havia. Tudo que queria era mais do neto e, quando teve, seu pecado foi tamanho que a castigou. Tinha ali o que queria, mas não como queria.

— Vai morrer com esse terço na mão — disse uma vez Zequinha.

— Se minha santa aprover.

E, vai, Dona Cilda adoeceu e morreu de terço na mão. Quebrado, o terço, pendido em sua mão, quando certo dia Zequinha viu Dona Cilda deitada de olhos esbugalhados na cama e, que, por não desavença, olhava direto para a santa na mesinha ao pé fogão de lenha na cozinha. *Quando o terço quebrou, foi junto o coração,*

diziam. Morta. Seu rosto, ainda assim, era sereno. As pernas finas cruzadas nos tornozelos, engelhadas, assim como todo o resto. *Oh, minha vozinha*, lamuriava. Tinha Dona Cilda rezado por afeto do neto? Ninguém sabe, mas parecia que sim.

Zequinha, em bruscas lágrimas, remendou o terço como pode. Colocou- o pousado nas mãos de Dona Cilda, eternamente. Tinha de ser assim. Do jeitinho que ela queria. Talvez não tão como queria, mas nada podia mais fazer. Os lábios fecharam-se para as rezas.

o dia em que a terra parou

“O dia em que a terra parou”, como dizia o poeta, veio de repente. Ricos e pobres, brancos e negros sofreram o baque de uma doença a nível global. Ao parar, vi que precisava voltar ao passado para compreender a mim mesmo como um ser em crise de identidade com a pandemia. Assim, a fim de seguir em frente a partir da nova realidade, volto ao mesmo lugar de outrora. No batente da velha casa, me encontro comigo mesma. Me vejo correndo no terreiro e brincando com as crianças vizinhas. Um lampejo se mostra a minha frente, como se os anos não tivessem passado.

Olho para dentro da casa. É como se eu visse a velha máquina de costura que mamãe passava a maior parte do dia a trabalhar, se dividindo entre o trabalho manual e as atividades domésticas. De repente, olho para a direita e vejo o balcão onde era a bodega, me lembro dos bêbados constantes, aqueles que compareciam diariamente, como a ter necessidade de marcar território ou de bater o ponto de assiduidade.

Chego à pequena cozinha, onde me vejo aos 4 anos, no colo de uma senhora idosa que nos visitava. Percebo que esse é o único

momento de carinho que me recordo da infância. Tento esquecer estas lembranças iniciais e sigo para o quintal, onde corríamos como se a brincadeira não tivesse fim. Meu coração dispara! De súbito, me vejo que o ambiente da infância está impregnado no meu ser. Observo que o meu comportamento adulto foi moldado pelas pequenas experiências nos momentos tenros das primeiras descobertas. Volto à frente da casa e, de repente, sinto que momento de recordar é passado e o pretérito pode ser revelador para aqueles que o contemplam. É como se, de súbito, você se reencontrasse consigo mesmo. Me sinto diferente. É como se eu estivesse preparado para seguir. É melhor seguir caminho.

e quando tudo passar

Em um vilarejo bem distante, havia muitas famílias, que trabalhavam bastante e viviam com o pouco que tinham, mesmo com pouco eram pessoas felizes, que nada os abalavam.

Certo dia, todos estavam em suas casas, quando ouviram num noticiário, sobre uma peste, uma pandemia que se alastrava por todo o vilarejo, cidades e pelo mundo, era uma doença, que causaria até a morte, as pessoas teriam que ficar isoladas nas suas casas, impossibilitadas de trabalhar, de se verem.

Meu Deus será o fim do mundo? Como viveremos sem trabalhar? Ali eles indagavam buscando entender o porquê daquilo tudo, no momento sem nenhuma respostava, foi daí que começou tudo, as pessoas adoeceram, muitos perderam seus familiares, uns doentes nos hospitais e outros em casa.

Naquele momento só Deus para ter piedade, de todos, ter familiares, vizinhos, amigos, só se poderem falar através de meios de Comunicação, como seria tudo tão difícil, foi dali então que nos vem a lembrança do quão importante era o abraço, quantas vezes aquelas pessoas tiveram a oportunidade de estar ali perto, e não tiveram atitude, pra abraçar, dizer um eu te amo.

Foi então que em meio a pandemia, depois de muitas pessoas adoecerem, outras morrerem, uns passam bem, mesmo sem nenhum meio de sustento, logo saberíamos que tudo aquilo iria acabar, todos estavam no mesmo patamar, ninguém era melhor que ninguém, uma pandemia que veio para derrubar fronteiras e mostrar que todos nós somos iguais.

É agora eis a pergunta de todas as pessoas daquele vilarejo, como recomeçar depois de tudo? Famílias faltando membro, meios de trabalho perdidos, mas Deus está ali, logo todos se recuperarão tanto financeiramente, como psicologicamente. Como diz aquele velho ditado: há males que vem para o bem, muitos se tornaram pessoas melhores depois da Pandemia, sabendo dar valor a mínimas coisas, a família ao trabalho.

E foi assim eles recomeçaram livre de todo mal, aos poucos tudo voltará ao normal, melhor ainda com certeza, Deus sabe de tudo, ele nunca dar um fardo maior que não podemos suportar. E por fim o segredo é amar com toda a intensidade, como se não houvesse o dia de amanhã, não importa a forma de amor, apenas ame!!!O amor é a resposta para tudo, para todos, Deus é amor.

otimizando a vida em quarentena e pensando nas mudanças

Seria mais uma terça-feira ensolarada do dia 17 de março do ano de 2020 na cidade de Tauá, cidade pacata situada no Sertão dos Inhamuns. Salvo não fosse a presença de um inimigo invisível que se espalhou mundialmente e no Estado do Ceará chegou causando risco eminente, e tão logo um decreto determinou e tudo parou. As pessoas deveriam em casa ficar, apenas os trabalhadores dos serviços essenciais poderiam sair, e a principal arma desse exército de trabalhadores seria uma máscara e muitas incertezas de uma quarentena. Como toda cidade interiorana pitoresca e aconchegante a cidade acima citada tem sua calma e seus atrativos. Mas nesse dia tudo se modificou a rotina de vai e vem parou, o que circulou foram notícias e recomendações pelas mídias sociais, lavar as mãos e uso do álcool em gel virou uma prevenção.

Em casa a grande maioria evitava falar das coisas desagradáveis e focar nas conversas alegres, mesmo com notícias desanimadoras e com tantas incertezas e preocupações a palavra de ordem era: se puder fica em casa em breve vamos nos abraçar, eu me preocupo com você. A prefeitura procurou a seu modo cumprir

os decretos estabelecidos, difícil mesmo é fazer a população compreender e tentar seguir o que foi sugerido, o que mais podemos atestar foi a falta de consciência das pessoas diante de um vírus mortal.

Logo de início a reclusão das pessoas pareceu normal e trouxe até uma certa união por parte das famílias onde pais e filhos que pouco se comunicavam passaram a se falar mais, e graças ao medo e o vírus desconhecido muitas pessoas se conheceram e se aproximaram. Os adeptos de uma religião rezavam, oravam com pedidos para o vírus retroceder ou até mesmo desaparecer. A rotina de todos foi alterada, em meio ao caos estavam professores e alunos convocados para uma árdua batalha. Após dias de isolamento social as aulas e a rotina escolar foram adaptadas a realidade de uma tela quadrada virtual, simples assim vai e faz o seu melhor, se vira com o que você tem e não se esqueça de fazer, acreditamos em todos vocês.

A onda de incentivo, e solidariedade aumentou por todas as cidades foi bonito de ser ver, mas com o decorrer dos dias as horas demoravam a se passar, o dia parecia até mais longo e as atividades antes esquecidas e agora lembradas já se tornavam, maçantes e repetitivas. Aquela corrente de bondade e preocupação virou autopromoção, brigas de classes e política surgiram e os ânimos foram alterados. A reclusão mostrou a fragilidade humana e tan-

tos problemas psicológicos aflorados em meio a pandemia, angústia, raiva, histeria, medo e o amor. Tantos sentimentos como saber lidar com eles, muitas pessoas desamparadas, fragilizadas, moradores de rua, trabalhadores que perderam seu emprego, artista sem seu palco, shows cancelados, viagens interrompidas, a rotina estressante de casa, mania de limpeza e higienização das mãos lava com sabão e passa álcool. E os dias seguiram assim a nova realidade virtual chegou, videoconferências com amigos e no trabalho, evitando falar de política, religião ou mesmo sobre tantos estragos causados pelo vírus mortal.

O surto mundial causou a paralização da população fez o mundo parar e a natureza conseguiu respirar e em muitos lugares se regenerar. Pelo mundo o que foi visto foram rios mais limpos, menos poluição ambiental o ar se tornou mais puro e os animais exerceram melhor a sua liberdade sem a intervenção humana.

E após mais de cento e vinte dias desde a visita desse vírus indesejado fica a indagação de saber em que o mundo melhorou. Sobre a natureza podemos ver e sentir, já dizer que as pessoas melhoraram é difícil responder. Acredito que em meio a tanta pressão tudo se intensifica, ou seja, que era bom poderá ser melhor, já acreditar que vamos ter milagres é pedir demais São incontáveis as vítimas, famílias desfalcadas, político hábil tirando proveito da atual situação, notícias da televisão, pronunciamentos contraditórios, desacatos as regras da quarentena, serviços de

urgência e emergência tento um desdobramento e boa vontade mesmo com a ineficiência no máximo, milhares de mortos (números, estatísticas).

Não podemos acreditar que seja considerado comum e sim muito preocupante tudo que vem ocorrendo. Um vírus que se alastrou, propagou como se fosse um filme de terror, difícil foi imaginar ser personagem desta realidade e viver em meio a tudo que está acontecendo. Observar os números de contaminados aumentar, comemorar a cada recuperação, entristecer nas vidas ceifadas em decorrência da COVID 19, alegrar com a suposta cura. E enquanto continuamos com a expectativa e a esperança de tudo isso findar o que pode ser feito e a otimização do tempo das pessoas. Dando em meio a quarentena uma ressignificação, se faz necessário planejar uma rotina mais adequada ao seu bem-estar reavaliando a maneira de levar o dia a dia, pensando nas mudanças necessárias para cada indivíduo e toda essa crise mundial, tantas transformações e algumas possíveis melhorias. Enquanto tudo acontece e a cura definitiva não é encontrada, continuarei escrevendo as minhas impressões pois quando não podemos abraçar e nem tocar as mãos uns dos outros, precisamos entrar no coração com palavras de incentivo, e boas histórias escritas.



contos nacionais

o padre na janela

Não há o porquê de perguntar: por que os sinos dobram? Não há sinos. Ou melhor, não há ninguém para tocá-los. Ele lembraria quando as igrejas se tornaram gigantescas e opulentas estruturas mortuárias. Ainda seria vívido em sua memória aqueles púlpitos, confessionários e bancos sacros que deram lugar a leitos, respiradores e doentes. Em procissão e vigília, recordaria os enfermeiros exaustos, os médicos enfermiços, os fisioterapeutas sobrecarregados, que substituíram o tradicional séquito de freiras, sacerdotes e coroinhas.

Lembraria daquele mundo vestido de branco — iluminado pela chama das velas que assomavam do púlpito, lembrando, quem sabe, que ali ainda era um lugar de cura das almas, e não tão somente dos corpos — que envolvia a catedral como um exército de arcanjos sem trombetas, sem asas, nem louvores.

Lembraria quando os sussurros, as conversas ao pé do ouvido, há muito deixaram de ser orações e se tornaram prognósticos, prescrições, confirmações de óbito, de cura ou confissões, desejos e lamentos, encarnados em delírios de peitos arquejantes.

E agora, quando a peste se foi, o que sobrou para lembrar?

Tenho certeza de que ele ainda lembraria que lhe pediam a presença, diante do império da morte. Os que detinham fé, suplicavam-lhe o olhar comovente de vigário. Chamavam-no pelo telefone em busca da extrema unção, esperançosos de uma morte redentora.

Agora, pela primeira vez após a pandemia, lembraria que a nova realidade que assomava por todos os poros poderia ser tão pior quanto a realidade do vírus que passara.

Lembraria das noites insone, perdido em orações, rezas, sortilégios, lendo e relendo as Escrituras, perseguindo um sentido para a teologia da peste. Lembraria que ligava a pequena televisão para saber que o mundo convalescia da peste, mas adoecia com outra doença: a epidemia de suicídios.

Com a recessão econômica, o desemprego, a falência e a fome, a sua principal distração era ficar parado diante da janela, atento aos gritos de sua paróquia. A cada grito, sabia que mais uma alma escolhera o caminho derradeiro, saltando da existência para o abismo da morte.

Lembraria que contemplava a praça defronte, com o chafariz ressequido, o concreto desértico — a poucos dias habitado

apenas pelos cães esqueléticos e pelos corvos, que acorriam, em enxurrada, atrás das carnes falecidas (já putrefatas no paço) —, se tornar um mar de gente, uma multidão de suicidas em potencial.

Ele lembraria dos jornais anunciando repetidos suicídios por minutos. Parecia que algo se subvertera no mundo e os humanos, cansados de viver, passaram a desejar o descanso da sepultura. Lembraria, ao abrir a janela, de ver as pessoas indo, apressadas, sabe-se lá para onde, com quais luxúrias de morrer, alucinadas, obsessivas em escapar do próprio corpo.

Lembraria daqueles sobreviventes da peste que, em um passado tão recente, lhe estendiam a mão, rezando, agradecidos, pela vida, mas que hoje, lhe estenderiam a mão pedindo perdão, porque só pensavam em morrer.

Ele lembraria do seu pranto por não conseguir salvar tantas almas da perdição (ao suicida, reza a tradição, não há outro caminho senão a morte eterna). Crendo —se inútil, lembraria que chegara a vacilar sobre a sua própria vocação. Não teria sido melhor ser médico, enfermeiro ou até mesmo coveiro, nestas horas, meu Deus?

Como costuma acontecer nestes momentos em que a transcendência nos falta, afogados pela descrença, pensou que ele mesmo deveria morrer, culpado por atravessar uma nova pandemia, tão cruel, cujo principal sintoma era a inveja dos mortos.

Para um verdadeiro cristão morrer não seria tão ruim, desde que ele mesmo não apressasse o encontro com o Senhor.

Lembraria que enquanto rezava sobre o corpo de alguém que tentara se matar sem sucesso, a fim de demovê —lo do maligno desejo, outros dez corpos despencavam dos telhados, debatiam —se, envenenados, ou afogavam —se em banheiras oxidadas.

Lembraria de que esta nova epidemia era mais contagiosa do que a anterior e que ninguém saberia dizer qual era o seu vetor de transmissão. Tão logo se aproximavam do corpo estendido no chão, legistas, policiais, repórteres, parentes, todos eram tocados pelo desejo inexorável de morrer. Os coveiros saíam de seus expedientes para cortar os pulsos, ligeiros em cavar as próprias sepulturas.

Lembraria sempre da estética deste novo flagelo: vídeos, blogs, canais de internet, lives, podcasts, todo um comércio em torno do espetáculo da própria morte. Lembraria das funerárias que enriqueceram, até que os seus próprios donos cometessem o último ato, sem herdeiros que lhes sobrassem.

Lembraria como o mundo parava para ver os líderes políticos, os jogadores de futebol, as modelos de capas de revista, os atores e atrizes famosos, as socialites, entre outras personalida-

des, desaparecerem em suicídios midiáticos, compartilhados, viralizados, replicados em escala planetária, como uma coreografia popular e macabra. Ele lembraria de tudo. Lembraria, sim, porque tinha boa memória e porque não poderá lembrar nunca mais. Os seus pés balouçavam a favor do vento. Os braços, tesos, pendiam no ar; a língua roxa, pesada de sangue, escorria para fora da boca; a cabeça descaída, com os olhos saltados para o nada, revelava, sobre todas as dúvidas, que o padre na janela, finalmente, adoecera.

quarentérica

As pessoas não acreditam quando conto essa história.

Deveria ser minha sétima semana em quarentena. Acordava já olhando pro calendário. Era como esperar por algo sem saber o quê.

Quem eu queria enganar com aquele livro de meditação? Tentava uns exercícios também, alongamentos, coisas assim... mas pra quê? Eu estava mesmo entregue às massas e ao álcool. Se antes eu não era do grupo de risco, agora eu deveria estar bem perto.

Na verdade, eu era, sim. Mas o coração ia bem, obrigado. Cheio de tédio. Vai ver nem batia muito. Provavelmente ficava sem bater por um minuto completo quando o dia estava ensolarado e bonito, como naquele dia. O metro quadrado em frente à janela do meu quarto praticamente se tornara um lugar de depressão. Dava um vazio ficar ali, olhando pra fora. Dava um esquecimento. Perda da noção do tempo.

Em algum momento do dia eu recuava para os afazeres domésticos, mas sem muito empenho, confesso. Você até tenta

manter a casa em ordem, mas tem uma hora que você simplesmente sai tropeçando nas coisas e elas caem e ficam no chão mesmo e tanto faz você apanhar elas hoje ou amanhã.

E foi exatamente diante de uma pilha de coisas há muito caídas que eu encontrei a coisa, entre papéis aleatórios. Quando puxei, era um bilhete, seis números, jogo de meses atrás. Pensei: quais as chances? Já que eu estava ali desocupado, fui até o computador, digitei, esperei, observei e talvez meus olhos ameaçaram cair quando interpretei.

— Puta merda!

Não era exatamente um fortuna... Mas quem ficaria preso dentro de casa com um acontecimento desses? Adeus tédio. Me arrumei pra sair em velocidade vertiginosa, sério. Mas quando fui fechar meu lugar de depressão, me detive com a vista. As dificuldades pelo caminho... Qual era o problema do seu Zéca? Setenta anos e fazendo o quê no portão?! A dona Joana, ela e o poodle dela, vindo pela calçada! E a Lúcia, que deveria ser mais hipertensa que eu, como que não tinha ninguém para fazer as compras dela, meu Deus do céu?!

E quantas pessoas estariam na fila?

Então levei um tempo procurando. Procurando com vontade, do tipo que revira tudo. Não encontrei e mandei um áudio para Marta, minha esposa.

— Cadê as máscaras?!

Esperei. Esperei com a respiração curta e segurando o lado esquerdo do peito.

Deveria estar suando muito também. Quando veio a resposta, minha garganta já estava seca.

— Acabaram — ela disse num tom de desdém, como se aquilo não fosse importante. — Vou passar na farmácia só amanhã. Já tô chegando. — E aqui ela acertou o tom de voz para algo próximo da empolgação: — E com uma boa notícia! Lembra dos meus enjoos? Eu fui no médico e ...

Mal escutei o resto. Algumas notícias boas expiram depois de um certo prazo. O que quero dizer é que aquele jogo era de antes da quarentena. Se eu não retirasse o prêmio até o fim do dia...

Deve ter se passado uns bons minutos, eu, ali, no limbo do impasse, pois quando finalmente tomei uma decisão e fui até a porta, ela se abriu diante de mim e Marta já estava ali, querendo entrar.

Ela estava usando máscara, mas mesmo assim eu entendi que sorria. Os olhos brilhavam. Mas quando percebeu que eu estava prestes a sair, tchau animação, seu olhar endureceu.

Apertei o bilhete com minha mão suada. Conflito, o tempo passando, era agora ou nunca.

Então Marta pôs uma mão sobre a barriga.

Hoje, meses depois, quando conto essa história, sempre digo: se eu tivesse saído, poderia ter perdido muito mais... e o que eu ganhei, desde então, não tem deixado meu coração sentir tédio: o nome dele é Lázaro, nasceu saudável, mas chora muito, muito mesmo. Só sossega quando o levo no colo pra perto da janela.

o abrir das janelas

Fiquei em casa de quarentena por sessenta dias devido à pandemia do Covid —19. Trinta deles em uma cama, angustiado. Não muito diferente de quando estava livre.

Quando começou, tinha tanto medo do que me aguardava além daquelas portas, que, além, é claro, da obrigação de ficar resguardado, nem sequer tinha vontade de sair.

Se, por um lado eu tinha uma receosa saudade, por outro, tinha um real espanto. Minha perspectiva do amanhã não era das melhores. Preso em minhas próprias contaminações, vivia alienado. Qualquer coisa é difícil para quem sofre de ansiedade, imagina uma situação dessa.

Antes de começar, minha perspectiva de futuro já era desastrosa. Mesmo tendo apenas vinte e dois anos e toda uma vida pela frente para ser conquistada, tinha medo do que me reservava o destino. Estava caminhando para um momento trágico: depressão, crises de ansiedades e existenciais, insônia, medos e tudo o mais que engloba os anseios estava à beira de um caos onde achava que todas as pessoas queriam me prejudicar.

Inerte, estava vivendo em um mundo guiado por cordas destrutivas. Deixei de viver as coisas. Apenas sustentava ainda um sorriso nas redes sociais. Onde eu estava o tempo todo conectado com o mundo, mas pouco me conectava de verdade. As janelas, concretas e abstratas, estavam trancadas. Assim como o planeta, eu também precisava de uma cura.

Vivia preso em meu próprio mundo, em uma bolha de conveniências e destruições. Mas, além do conforto que me abduzia, vivia também a bipolarização de sentimentos, que me alentavam e me jogavam ao chão em uma poça de lágrimas.

Justamente, o que me fez sair desse antro de escuridão, foi a internet. Por meio dela pude ver, além de muitos Fake news, pessoas que não tiveram a oportunidade de voltar a viver a vida; de abraçar seus pais; dar uma volta no parque; de viver a entediada rotina dos pequenos afazeres. Começou a surgir em mim uma desconhecida vontade de passear, de falar com meus pais, de brincar com o cachorro. Ironicamente, tive anseio de sair da cama, de casa. Tanto que o resto da quarentena souou como uma prisão, necessária, não apenas pelo contágio, mas para refletir sobre tudo em minha vida. Não estou dizendo que é esse o tratamento contra depressão, cada caso é um caso, tentaram de tudo comigo, até mesmo o choque de realidade, mas apenas agora fez sentido. Todos os recursos de ajuda são necessários e cada um responde de uma forma.

Hoje, depois que acabou essa quarentena, sai de casa e, para minha total surpresa, ao invés de receio e medo por conta do desespero de voltar à normalidade, espantei ao sentir empatia por pessoas desconhecidas, logo eu, que não sentia prazer nem em minha própria existência. Não só eu, o mundo parece ter mudado. O que parecia ser utopia, coisas de filmes ilusórios, era real. Sintetizando um novo momento da humanidade. Parece surreal. Mas é tão verdadeiro quanto ao desinteresse de sessenta dias atrás, pelo menos ao meu olhar, como via um mundo cinza, tudo era cinza para mim.

Além de que, as árvores, os pássaros e toda a natureza parecem ter mais vida — na verdade, continua sendo a mesma, as pessoas que estão prestando mais atenção em tudo ao redor. E, com a saudade presa nos corações, borbulhando para ser saciadas, todos se deleitam em abraços, risadas e muita cordialidade. Acho que essa pandemia fez crescer a todos nós.

Diante dessa turbulência o mundo se uniu em prol do bem comum. Classes, raças... Todos com a base no amor, na ética e no respeito caminham para um mundo mais esperançoso. Se isso não for verdade, é o que eu quero enxergar. Essa será a verdade para mim e acredito que para muitos.

Isso fez aflorar em meu coração, com teor evidente, um sentimento nobre.

Ancorado em um mundo próspero, eu recuperei a fé; a fé nas pessoas e em mim mesmo.

A vida é contagiante. Também ficarei feliz em sempre voltar para casa, abraçar meus pais.

De agora em diante, deixarei as janelas abertas...

aconteceu na quarentena

É vizinho, você está rindo porque nós estamos dentro de um enredo de Ficção

Científica. Ficção científica? Pois bem, eu digo que isto não tem graça nenhuma.

Uma coisa é escrever sobre ficção científica quando se vive no mundo real, aquela

Sem gracie do dia a dia...eu sei, eu sei, nessa vida “somos atores em um palco” ou como dizem os mais jovens “meros avatares em um jogo virtual”. Tá. Concorde com a metáfora.

Estamos sonhando a vida. Tá. Eu aceito o sonho. Eu recuso é o pesadelo. Isto que estamos vivendo é um pesadelo. Eu me recuso a viver esse pesadelo. Eu me recuso, entendeu? Eu me re-cu-so.

Não vire o rosto, não, que estou falando com você, idiota. Você mesmo, que se acha muito esperto por ter desvendado o plano todo. Os donos de laboratórios querem lucrar com a venda de vacinas. Médicos corruptos são cúmplices. Os fabricantes de remédios fabricam também as doenças. Ah! Quase me esqueço, os ditadores. Esses malucos querem dominar o mundo matando os velhos, espalhando o medo, semeando pânico...

Se eu acreditar em você, estamos vivendo a terceira guerra mundial sem o disparo de um único míssil. Uma guerra biológica.

Eu me lembro, talvez não seja do seu tempo, eu me lembro daquela pobre gente de

Chernobyl, depois as vítimas de Fukushima, sem ter para onde correr, sem nada a fazer a não ser observar o próprio corpo se fragmentando sob o efeito da radiação.

Isto aqui é diferente.

É só um vírus. Uma gripe.

Bizarro olhar o mundo trancado em casa, as pessoas destruindo sua flora protetora com tanta esfregação de álcool gel, se autossufocando com máscaras por Deus, essas coisas devem ser usadas pelos doentes e não pelas pessoas saudáveis, são os doentes que tosse e cospem espalhando gotículas de saliva contaminadas por toda parte.

Sinistro observar políticos brigando entre si como hienas. No meu tempo se dizia “é briga para cachorro grande” Por que raios eles iriam preferir dominar uma população de miseráveis sobreviventes, em um mundo sem aviões, sem restaurantes, sem teatros, viagens, enfim, sem nada de bom?

Você tem razão, parece um cenário de ficção científica. Para alienígenas. A Terra deve ser o “reality show” de alguma emissora alie-

nígena em alguma galáxia distante. Talvez seja um documentário educativo intitulado “O que acontece quando uma espécie se comporta mal”.

É sedutora a hipótese Gaia, não acha? A Terra é um ser vivo. Nós somos uma praga.

Esse montão de vírus soltos por aí são anticorpos, os protetores do planeta.

Não, não vem, não, esse papo religioso aí não é comigo.

Não chega com essa conversa aí de colheita obrigatória, lei do retorno, mundo de regeneração e o escambau, pois se está tudo a acontecer ao contrário do que o espiritismo diz. Quanto tolice. Depois dessa desgraceira aí, amigo, o que vai sobrar é o caos. Um mundo de devastação é o que vai ficar, né...

Verdade, sim, para a natureza fica melhor assim... você ouviu aquela humorista...que sacada genial.... a natureza está tirando férias de nós...a natureza tirando férias dos humanos...isso foi engraçado...melhor isso que a sua tal “plandemia”.

Ah, eu contei a você sobre os passarinhos? No seu sítio você deve ter observado. Nunca vi tanta passarada no meu quintal. Só de pica-pau, eu contei três espécies. Uma mais bonita do que a outra. Corruíra, sanhaço, bem —te —vi e até uns beija —flores diferentes apareceram por cá.

Ah, você quer saber da Cida?

Ela está lá dentro.

Não, ela não vai aparecer na varanda.

Bem, ela é teimosa.

Ela começou a discutir comigo como se entendesse mais de passarinho do que eu. Eu sou biólogo, você sabe. Ah, não sabia? Pois sou. Especializado em pássaros. Um ornitólogo, é o que eu sou. Ou era.

Pois bem, a Cida encasquetou que passarinho com plumagem pintadinha nas costas é galinha carijó. Pois para ela o pica-pau de cabeça vermelha que você pode ver ali naquele galho— olha que gracinha— era uma galinha carijó. Ela insistia que o pica-pau era uma galinha e aí a discussão ficou feia.

Se afasta, cara, não vai entrando, não.

É isolamento, lembra? Ordem do prefeito. Cada um na sua casa.

Você nem devia estar aqui. Volta lá para sua horta. Vá cuidar lá das suas alfaces.

Ah, você não tem escutado a Cida. Por isso não, eu também não escuto a voz da sua mulher e não fui meter o bedelho na sua vida.

O que? Você se divorciou? Eu não sabia, não. Há três meses, que conveniente...

Pois é o que eu deveria ter feito antes desta desgraça começar. Evitava eu perder a paciência com ela.

Para trás, cara, se afasta.

Você insiste em saber da Cida. Bem, ela está no freezer. Eu tive de botar ela lá antes que começasse a feder.

Eu fico nervoso quando sou contrariado e nesse caso, você bem vê, eu nem podia sair para espaiar com a turma lá no bar. Ela não fechava a matraca: mas parece uma galinha de angola, tão bonitinha, para mim não é pica-pau, não...

Que é que você está olhando? As minha botas? A mochila? Aprontei tudo. Saco de dormir. Barraca. Vara de pescar. Vou me bandear para o meio do mato, a Serra do Mar fica a menos de um dia de caminhada.

Com os bichos eu me entendo.

Só não tolero é ficar trancado como bandido. Trancado com a chata da Cida fazendo pirraça, a teimosa, me provocando.

Deu no que deu.

Homem enjaulado, vira fera.

Sai da frente, cara!

...

Droga!

Eu bem que avisei.

No freezer não tem mais espaço.

Já sei.

Vou jogar no poço.

os imitadores

O papo já estava esquentando. Transitava entre o impeachment do presidente e a vida mais dura no retorno após a Pandemia, quando eles começaram a chegar. Em princípio, a ideia que se teve foi tratar-se de algum trabalho escolar — esses passeios de rua que os professores inventam. Mesmo assim, as fantasias e as maquiagens indiscretas confundiram a “Turma dos pós -60’, como eram conhecidos na Comunidade aquele contingente de senhores que de Tliciavam-se com o sola da tarde no centro da Praça. “Será que são do circo?”, supôs o tio

Zé, o menos espirituoso. “Bobagem, palhaços têm fantasia padrão”., disparou seu Epitácio.

“Devem ser ripas lá de Pato Branco”, arriscou João. “É hippies”, concertou prontamente

Vivaldino, o mais inteligente dos quatro. Mais a coisa começou a ficar mesmo embaraçosa quando uma das adolescentes do grupo aproximou-se de seu Firmino e ficou de semblante indiferente ao seu lado. Este, desconcertado, começou a rir. Para a sua surpresa, a menina imitou-lhe. Diante disso, aumentaram as gar-

galhadas e, quando se deram por conta, todo o grupo ria descontraidamente. O fuzuê estava armado. Pensem que ficou só nisso? Que nada, eles queriam mais. Em pouco tempo, os arredores eram tomados. Lojas, bares, calçadas, em toda parte surgia, como do nada, um jovem fantasiado, imitando comportamentos normais.

Em questão de uma hora, a cidade estava completamente dominada pelo clima. Todo mundo saía imitando uns aos outros, aliando riso, simpatia e intimidade espontânea. A rabugenta da rua Pimpão, o japonês da feira central, Dona Sara, a viúva, o inspetor Anastácio. Ninguém escapa do clima contagiante. Inimigos de morte, vizinhos que não se cruzavam, donas de casa, vendedores, ciganos, fazendeiros, mendigos, banqueiros, professores, não havia barreiras de classe, cor ou credo. Mas, de repente algo estranho no ar. No auge da festa, quando a alucinação era geral, e ninguém mais queria saber onde tudo começou, uma voz baixa, mas dominadora, invadiu o ouvido de todos. “Pedro, Pedro, Pedro”. De repente, tudo foi sumindo, os risos terminaram, os imitadores desapareceram e no auge daquela transição entre o concreto e o abstrato, um estridente barulho deu um tom final:

TRIIIIIIIIINNNNNNNNN. E a tal voz, agora mais aguda, imperou, apagando com uma intensa explosão de luz aquele universo: “ACORDA MENINO, HORA DA ESCOLA”.

o milagre da vacina

Bernardo tinha acabado a residência médica e começado sua carreira em um hospital no interior de São Paulo. Agradecia por ter saído vivo depois de todos os colegas e amigos que perdeu para a COVID —19. Achava que não teria solução, mas lá estava ele vivo e pronto para seguir e fazer o que sempre sonhou: ajudar pessoas.

Os momentos difíceis pareciam ter passado após milagrosamente o Brasil ter descoberto a tão sonhada vacina, mas a cicatriz havia ficado. Algo de muito errado estava acontecendo. Naquela noite de dezembro, Bernardo deitou-se em sua cama e não preguiou os olhos. Era Natal, mas já não fazia diferença. Os vizinhos do prédio celebravam a ceia com música alta, muita risada e champanhe.

A noite foi longa e os pensamentos eram muitos. Tantos que se embaraçavam desconexos e faziam Bernardo manter seus olhos vidrados no escuro do quarto em suas ideias. O jovem médico se entregou aos sentimentos, mas não sabia distinguir o que sentia. Sempre voltava à sua cabeça a ideia da vacina, algo estava errado, algo estava errado.

—Mas o que? — Murmurou o rapaz.

Não chegou à nenhuma conclusão. Sempre adorou o Natal, mas esse parecia diferente, mais escuro... Não por causa da luz apagada. Sua mente é que estava um breu.

Não havia tomado a tão sonhada vacina. Afinal, pôde ficar em casa por alguns dias após meses de trabalho árduo e optou por esperar mais um pouco até voltar para o hospital, que estava lotado.

Passaram-se as festas, o ano de 2021 acabara de começar e Bernardo teria de voltar ao trabalho. Colocou sua máscara no rosto e alguns frascos de álcool em gel que estavam por acabar na bolsa. Ao sair de casa, o jovem notou algo estranho: as pessoas andavam ainda mais apressadas que o normal. O mundo parecia estar atrasado por meses, o que era compreensível, mas parecia exagerado. No hospital, as enfermeiras e médicos corriam apressados e mal se olhavam ou se cumprimentavam.

Vendo que Bernardo havia chegado, umas das enfermeiras correu em sua direção com uma injeção nas mãos, o que lhe pareceu amedrontador. Nunca teve medo de vacinas, mas a situação o deixou desconfortável e, sem pensar, saiu correndo como uma criança que sabe que não será apenas uma “picadinha de formiga”. Mas como uma criança fujona, ele não escapou.

Quando acordou, estava em uma das macas do hospital. Tinha desmaiado e se sentia enjoado. Nunca tinha passado por aquilo para tomar uma vacina. O pressentimento era ruim. Em minutos se sentia indisposto, mas agitado; sentia ressaca, mas queria a luz; a gravidade parecia maior, mas seu corpo parecia flutuar. De repente estava muito atrasado e tinha muitos pacientes para atender, precisava fazer seu papel, precisava contribuir para seu país, precisava voltar ao normal, precisava dar o seu melhor.

Sua mente parecia diferente. Estava agitado e extremamente produtivo. Tão produtivo que não produzia o esperado; tão cheio de ideias que não chegava a conclusões; tão sustentável que poluía e tão animado que não podia se conter.

Os dias foram passando e Bernardo se sentia agitado, ansioso e impulsivo. Até que acordou em uma sexta-feira sem conseguir respirar. O coração batia forte e sentia uma dor no peito. Agonizou junto com milhões que não sabiam que tudo era uma farsa.

Tentou pedir ajuda, mas mal conseguia se mexer.

Algo de errado estava acontecendo, mas Bernardo não descobriu... Morreu naquela sexta-feira ensolarada e maldosa que levou o rapaz afogado em seu próprio corpo. O motivo da morte logo foi divulgado: COVID-19. A vacina milagrosa foi realmente

um milagre para a economia do país, que conseguiu se reestabelecer, mesmo que por pouco tempo. Mas matou milhares de pessoas que, na verdade, não haviam sido imunizadas. Elas, de fato, receberam uma dose de um hormônio que as deixavam desorientadas e extremamente produtivas.

Milhões de vidas se foram, não só por uma doença, mas pela hipocrisia de outros humanos que, assassinos ou não, acabaram com vidas. Meses depois o planeta estava livre do coronavírus, pois a real vacina fora encontrada. Mas a Terra não se viu livre do sistema opressor que conseguiu reerguer a economia, mas continuou sem controle.

mãe

Enfermeiros e Jornalistas não deveriam perder suas mães.

A minha se foi. Hoje faz três anos que aprendemos a olhar nos olhos enquanto mascarávamos boca e nariz. A nossa casa por um ano nos ensinou sobre presença enquanto empurrávamos a ausência feita memória de perfume de um eis amor. Eu vou ser pai e aprendi a fazer sopa. Vou me casar com Cláudio, transmissão ao vivo.

— Vamos exibir o vídeo de mamãe doando o respirador:

— Já vivi o bastante.

Disse mamãe, num esforço pra falar e abrir os olhos, no corredor do hospital Regional do Cariri, Cearense.

Aprendi a amar Cláudio, como mamãe.

— A senhora devia ser minha mãe.

Disse Cláudio. O calor de Juazeiro do Norte, em meio à dor das despedidas e da escolha pela vida foi testemunha daquele episódio que poderíamos nomeá-lo “entre a vida e a morte”. Olhei

nos olhos dele, mesmo no ambiente de trabalho, esqueci por alguns instantes que era enfermeiro e fiquei isolado em seus braços. Aprendi a amar um homem assim como eu, em meio a um vírus invisível e a despedida da minha mãe Esperança. Nossa história parou nas redes, depois descobri que ele é jornalista.

Nossa primeira live foi um sucesso. Aprendemos a ser irmãos e amantes.

Temos bastante plantas em casa e hoje, nesse 15 de julho de 2023, três anos sem

Esperança. A mãe de Claudio, Jurema, vem almoçar conosco.

— Mãe.

— Filho, Trousse Vinho pra comemorar o sucesso do seu blog.

enfim na rua, no mundo e além...

Ele caminha na calçada, cansado. Primeiro dia que põe os pés na rua depois que tudo começou. A luz forte impede que abra os olhos totalmente. Aos poucos se acostuma.

Chegando na banca, que fica logo na esquina, já enxergando plenamente através da película da catarata, nota a manchete: “Antes da pandemia, idosos eram 15% da população, agora são 11%”.

Desvia o olhar contrariado. Caminha mais um pouco. Olha em volta, sem pressa, analisando.

A cidade está igual, mas diferente.

Já na praça... Ninguém da confraria.

Onde estão aqueles velhos canastrões? As mesas feitas de concreto para damas estão vazias.

Ele anda e sente as juntas rangendo. As pernas pesadas estão leves.

Lembra do gosto da cachaça que lubrifica.

De como essa “mardita” fez com que perdesse sua esposa, seu melhor emprego.

Balançou a cabeça para afastar o pensamento...

Mais à frente no boteco que sempre frequentou um cartaz diz:

LUTO!

Não ouve os pássaros, somente as folhas secas a cada pisada. Ainda assim o som é fraco como se as passadas fossem quase sem peso e seus pés acariciassem as folhas.

Umás crianças estão no balanço gritando o que fez lembrar de sua infância. Da terra batida cor de ocre que passava na porta da sua casa, da tonalidade que ela deixava na borda das casas, nas barras das calças, nos poucos carros que apareciam.

Lembrou da risada da Ritinha, menina linda que o ensinou a beijar. Ele está sorrindo, o sol depois de muito tempo toca sua pele coberta de uma grossa camada de maquiagem. A cabeça vazia está cheia: memórias e recordações.

Olha para cima, o pescoço mole está meio duro, admira a castanheira e seus galhos. Por entre eles, o céu convida. Sente uma atração por aquela imensidão azul celestial. Quase vê uma escada feita de nuvens.

Em volta, carros buzina, pessoas batem o tapete das lojas na porta, vitrines se acendem.

Os olhos cansados ativos observam.

O mundo continua... A vida pulsa resplandecente!

Fecha as pálpebras.

Sente que é o fim do passeio, é hora de voltar. Ele nem caminha mais, deixa a força que suga seu corpo levá-lo sem resistência. Está conformado, chegou a hora, aceita o encaixe de seu corpo no interior da triste e escura caixa grande. Os sentidos vão adormecendo.

Antes de entrar notou que os velhos canastrões estão nesse lugar vestidos de preto, sem sorrir.

Ele não pôde ignorar os murmúrios e choro no entorno, mas não está triste.

Por último antes de se apagar por completo o que ouve é a pá devolvendo a terra ao buraco que cavou.

Terra que não é cor de ocre, é roxa, fértil de tanto nutrientes que já recebeu.

esperança

Se eu soubesse, se ao menos pudesse ter imaginado o impacto em nossas vidas, talvez então entendesse melhor esse momento. E a você, meu querido, não teria feito tantas promessas de sol, de beijos e carinhos. Quanto eu te falei de amor incondicional, de vida e encontros. Iríamos começar uma história juntos, capítulo por capítulo, dividindo os teus primeiros dias, teu choro e minhas aflições. Iria te segurar nos braços e assim passar meu calor para o teu corpinho imaturo. Eu a mestra, você o aprendiz, aguardando pacientemente esses papéis se invertem ao longo da vida. O primeiro banho, o primeiro sorriso, a primeira noite em claro. Tudo isso me foi roubado pela pandemia. Todas as verdades e fantasias vão ficar aguardando o dia em que olharei em teus olhos e contarei as lendas que a vida me ensinou.

Meu neto querido, tão esperado, queria tua chegada como quem quer o Oasis no deserto. Fiz tantos planos de passeios e água salgada. De castelos de areia e picolés de limão, os preferidos da tua mãe. Aprendi novamente acalantos, há tanto tempo esquecidos, esperando embalar teus sonhos. Nossa Senhora faz meias, o fio é feito de luz. O novelo é a Lua cheia, as meias são pra Jesus. Encantei-me com a simplicidade dessas rimas, talvez porque eu mesma não consiga fazer meias, nem sapatinhos ou casaquinhos. O fio e as agulhas se complicam em

minhas mãos e a falta de aptidão me envergonha. Mas sei contar histórias! Sei dar vida a príncipes e dragões, e cavaleiros armados e tapetes voadores. O Sítio do Pica-Pau Amarelo vai te conquistar, assim como a seus tios e avós. Ainda sinto o cheiro dos bolinhos de chuva da Tia Nastácia. A beleza do vestido da Narizinho, o mais bonito do Reino das Águas Claras, sempre me fascinou. Mas sei que Pedrinho vai ser teu preferido e irão caçar Sacis com Tio Barnabé! Tenho histórias para contar uma vida inteira e te levar a descobrir as que mais te agradarem. Os caminhos da leitura vão certamente te fazer mais esperto e conhecedor.

Nesses tempos de quarentena pensei em te contar uma história de esperança. Era uma vez um pequeno rei que um dia acordou num mundo muito pouco hospitaleiro. Enquanto estivera dormindo escutara vozes suaves, dedos gentis fizeram carinho em seu corpo e cantaram baixinho para ele dormir. Mas quando finalmente saiu para a luz, estranhou o que percebeu à sua volta. Não conseguia ver o rosto das pessoas porque todos usavam máscaras. Teve medo. Ninguém se abraçava ou beijava, e o sol entrava apenas pelas finas frestas da janela de seu quarto. As ruas estavam vazias e as crianças não saiam de bicicleta ou jogavam bola. Não tinha ninguém passeando com cachorros, nem gatos dormindo nos muros. Nem mesmo ratos saiam das latas de lixo. Não passavam carros nem ônibus nas ruas desertas. Teria ele desembarcado num outro mundo, diferente daquele que lhe haviam prometido? O carrossel da praça estava parado e as areias da praia vazias. Ninguém vendia sorvete, muito menos pipoca. Era um silêncio triste que cobria o dia e calava as noites. O medo contagiante obrigava a todos

que se escondessem e ignorassem a dor alheia. Nem os melhores curandeiros, magos e doutores do reino estavam conseguindo uma fórmula poderosa para a cura de tão terrível mal. A desolação era geral.

E foi então que o pequeno rei, do silêncio imenso que reinava, começou a escutar um canto suave. E muita gente também se deu conta de que algo estava diferente. Num piscar, os olhos começaram a procurar a origem dos trinados que vinham do céu, mas também das árvores, dos gramados e das janelas abertas. Não demorou muito para perceberem que era a liberdade que cantava na voz de milhares de pássaros. Soltos, livres de ameaças e predadores, eles eram agora os donos de tudo. Voavam e cantavam cada vez mais alto e lindo. E tudo ficava melhor quando passavam em bandos multicores. O pequeno rei ria sozinho e batia as palmas de suas mãos recém nascidas num gesto de alegria inusitado. Aos poucos foi entendendo aquela música, e o que ela significava. Os pássaros diziam de amor, de compaixão e de respeito. Ninguém naquele reino jamais havia se interessado por esses sentimentos e cada um vivia apenas para suas próprias vontades. O outro era um desconhecido, o próximo um ser distante e negligenciável. Mas a novidade tomou a todos de surpresa e cada um entendeu a seu modo a linguagem das aves. A desgraça que havia se abatido sobre eles deveria ser uma consequência de tanta desumanidade, de tanta incompreensão. E então, aos poucos, pequenos gestos de amor começaram a surgir no meio do povo superando o medo reinante. O vizinho levou uma xícara de café para o senhor que morava ao lado. O menino dividiu seu sanduíche com a moça na rua. O rapaz se ofereceu para carregar a sacola

pesada da dona Clotilde. O jovem que não enxergava ganhou uma leitora simpática que o fez sorrir com histórias e versos. As mudanças foram tantas que finalmente as máscaras começaram a cair, as ruas foram se enchendo de gente, os parques receberam milhares de crianças loucas para correr e gritar. O medo ia desaparecendo com a vontade sincera de abraçar. Havia esperança e o vento trazia novas propostas. Em pouco tempo aquele reino foi retornando à vida. Uma vida melhor, mais participativa, onde as mãos sempre se estendiam e se uniam para ajudar. E foi assim que todos viveram (mais) felizes para sempre.

Meu querido, quando puder contar para você esta história, o mundo certamente estará diferente. Quero acreditar que muito melhor, com mais compaixão e respeito. Como eu queria que todos ouvissem o canto dos mil pássaros da liberdade e entendessem a mensagem de Esperança que eles trazem. Você é a minha Esperança!!!

“novo normal”

Chegou, enfim, o tão aguardado dia! Recomeçam hoje, após catorze meses de interrupção, as aulas na faculdade. Uma cruel pandemia foi a culpada; fiquei por praticamente todo o período confinado em minha casa. Felizmente, a vacina para a doença foi produzida e distribuída; a pandemia está, neste momento, controlada.

Acordo, ainda pela madrugada, pois longo é o percurso até a faculdade. Há tempos não acordava tão cedo! Escolho minha mais bela roupa, ansioso para rever os colegas, os professores — e o mundo exterior. Não posso esquecer a máscara. Apesar de estar a pandemia controlada, a máscara é, ainda, obrigatória na maioria dos locais; e, por bom tempo, há de ser assim — afinal, antes prevenir do que remediar. Levo comigo, também, um pequeno frasco de álcool em gel; se eu tocar em alguma superfície que me aparente estar contaminada, dele farei uso.

Saio de casa; o sol ainda não deu as caras. Há muito não observava o luar prateado; que sensação boa! Caminho até o ponto de ônibus, enquanto admiro a passagem quase que de todo olvidada. Não percebo o tempo avançar e... oh! Vejo o ônibus de que preciso, achegando-se ao ponto. Saio em disparada; corro para chegar ao ponto antes dele. Por

sorte, o motorista me vê e estaciona o veículo. Ah! Nada como uma corridinha atrás do ônibus logo pela madrugada, para iniciar bem o dia!

Vejo, ao adentrar o ônibus, todos os passageiros mascarados. Acho esquisito; não é cena costumada. Sinto estar deslocando-me a um baile de máscaras em pleno Carnaval. Percorro o olhar por todo o ônibus, à procura de assento vago; nem sinal! Certas coisas nunca mudam: continuo tendo de seguir viagem em pé!

Paciência; hoje, nada me pode estragar o dia. Vejo alguns passageiros tirarem a máscara após entrarem no ônibus. Bom, há doidos para tudo! No meu caso, prefiro não me arriscar — não sei de quanto tempo carece a vacina para atingir completo efeito.

Depois de hora e meia no ônibus — sem sequer oportunidade de sentar-me — aproxima-se o momento de desembarcar. Aperto o sinal e... opa! Preciso passar o álcool em gel nas mãos; não sei quantos apertaram aquele botão. Deço do ônibus; noto que o sol já começa a alumi-
miar o horizonte.

Tenho ainda de caminhar por vinte minutos até a faculdade. Caminho vagarosamente; aprecio cada ponto da paisagem. Quanta saudade! Distraído, escorrego e caio no chão. É a falta de costume em andar pelas ruas, depois de tantos meses em clausura! Duas moças que vêm atrás de mim, a conversar, silenciam-se. Levanto-me e sequer olho para trás; sigo, como se nada houvesse ocorrido. Certas coisas nunca mudam: os indivíduos adoram rir da desgraça alheia — e eu, no lugar delas, teria feito o mesmo. Passo nas mãos álcool em gel; afinal, com a queda, toquei no asfalto possivelmente infectado.

Chego à faculdade. Dá-me até vontade de chorar; que bom revê-la! Estava como eu a havia deixado! Empurro a porta de vidro para entrar e... toquei na porta! Aplico mais álcool em gel nas mãos. Procuo algum colega, mas não reconheço ninguém; todos ali estão mascarados.

Enquanto desloco meu olhar, alguém toca em meu ombro; viro-me e vejo um amigo muito querido. Aperto-lhe a mão e... opa! Puxo-a rapidamente; recordo que devo evitar contato físico com outras pessoas. Limpo novamente minhas mãos com álcool em gel; por via das dúvidas, aplico também no ombro, que foi tocado.

Colocamos a conversa em dia. Aparecem outros colegas; agora, já mais atento, cumprimento-os apenas com os cotovelos. Será que devo aplicar álcool nos cotovelos? Hesito e decido pelo “sim”: não quero correr riscos. Chega a hora da aula. Dirigimo-nos todos até a sala. Abro a porta e... ah! Mais álcool em gel! Recordo dos bons momentos ali vividos — e dos maus também: comumente, eu me estrepava nas provas! Surge o professor, com o rosto coberto por máscara. Quase não o reconheço!

Começa a aula; não entendo, contudo, praticamente nada do proferido pelo professor. A máscara muito atrapalha a propagação da voz. Nas aulas seguintes, o cenário é análogo. Encerram-se as aulas do dia. Sinto pouco ter aprendido hoje. Saio das aulas com a certeza de que tenho de adaptar-me a essa condição incômoda... Antes de ir-me para casa, vou ao banheiro. Tiro a máscara por uns instantes, para respirar um pouco. Lavo o rosto, já um tanto úmido.

Preparo-me para regressar ao lar. Bastante desfrutei o dia; revi os colegas, os professores e o mundo exterior. É bom ver que as coisas voltaram ao normal... ou melhor, passam por circunstância intermediária: a do “novo normal”. Caminho até o ponto de ônibus. Vinte minutinhos que, quando cansado, parecem-me cinquenta! Mas hoje não é dia de reclamações, e sim de comemorações.

Meu ônibus se aproxima. Dou sinal; o movimento do veículo cessa totalmente e suas portas são abertas. Quando dele me avizinho, o motorista me diz: “Não podes embarcar sem máscara”. Fecha as portas do veículo e retoma a viagem. Coloco as mãos no rosto e tateio. Constato estar, de fato, sem máscara. Recordo; a havia deixado sobre a pia do banheiro da faculdade. Diacho! Tenho de voltar, para buscá-la.

Percebo que ainda falta muito para que eu me adeque a esse “novo normal”! Ah! Acabo de reparar que levei as mãos ao rosto. Higienizo-o com um pouco de álcool em gel e sigo meu caminho...

duelo sobre a mesa

Um dos peritos, impressionado pelo fulgor do embate, chegou a citar, textualmente, “o caótico rio de pedras”, narrado pelo escritor Umberto Eco*. E não sem razão; há de se acreditar, insistia o perito, que no auge desse enfrentamento imperioso, o interior de ambos seguia em contínua ebulição, revelando uma torrente furiosa, tal qual uma “correnteza de grandes rochas informes, placas irregulares e cortantes como lâminas, e amplas como pedras tumulares (...). Aos olhos do perito, fora assim o duelo entre Dona Branca e o Professor Pio. Quem os conheceu no dia a dia informava que as desavenças entre ambos, não raro, surgiam após um silêncio profundo; nessas horas o ar ficava pesado e fazia brotar, às claras, um rancor íntimo desencavado. Acredita-se, informam os peritos, que esse conflito pode ter sido acentuado pelo toque de se recolherem ao lar, uma vez que integravam o grupo de risco imposto pela Pandemia. Foram encontrados, ali, sentados, frente a frente, na mesa da sala; cada qual em seu canto com a cabeça curvada e apoiada sobre o braço; o olhar de cada um deles parecia, certamente, dirigido ao outro. Lá estavam, inertes, até a descoberta. Cansado de ligar para os pais, o filho informou ao Zelador do prédio, e este, presentindo algo estranho, levou o caso à polícia, que, instantes depois,

Notas:

(*) Umberto Eco – Confissões de um jovem romancista. Ed. Record/2018.

(**) Versos do poema “O Lutador” – Carlos Drummond de Andrade

solicitou a abertura do local e posterior autópsia. O casal vivia há muitos anos naquele prédio do bairro.

Ela, uma antiga professora de história; ele, ex-chefe de laboratório de biologia da faculdade, onde se conheceram ainda bem jovens. A perícia técnica apresentou anotações, laudos, infográficos e fotos, destacando um considerável número de Palavras Cruzadas abertas; um Volume sisudo de cor marrom; dois Dicionários que, pelas digitais, disseram os peritos, o Caldas Aulete seria o da Mulher, e o Aurélio, o do Homem. A perícia indicou que as sandálias da Mulher deixaram rastros. Observou-se que teria se deslocado até à cozinha, onde tomara café na térmica; depois, deteve-se na estante da sala, de onde retirou o Volume marrom, que destacava na página interna: “Instrumentos de Guerra da Antiguidade”. Segundo a perícia, tratava-se de relatos sobre estratégias dos antigos exércitos, como o “Apito da morte”, descrito, ali, como “um objeto sonoro criado pelos Astecas, que simulava estridentes gritos de pessoas em sofrimento, induzindo os adversários a um estado de transe desesperador.”

Apanhado o livro, Dona Branca se dirigira à mesa do embate. Então, ali, o duelo teve início para ambos. Cada qual com os seus compêndios de Cruzadas. Segundo os peritos, era quase possível “ver” a agilidade da Mulher no desafio das verticais e horizontais, sem tréguas ao adversário; indicaram ainda, que, em determinado instante, os olhos da Mulher foram ao encontro dos olhos do Homem. O abalo causado por esse olhar, disseram eles, fragilizara o oponente. Na praça de guerra, o

Notas:

(*) Umberto Eco – Confissões de um jovem romancista. Ed. Record/2018.

(**) Versos do poema “O Lutador” – Carlos Drummond de Andrade

espalhamento das revistas acenava que a estratégia do Homem seguia rápida e com rigorosa atenção às armas de combate. Ao Homem, fortaleciam-lhe as publicações relativas a filmes, teatro, música, biologia e literatura química.

Novamente, “pressentia-se” a voz da Mulher de forma explosiva no território da disputa. Podia se ler, com clareza, uma das perguntas: “Animal mitológico associado à virgindade, tem a forma de um cavalo com um único chifre frontal?”. Bingo!... “Unicórnio”. Assim assinalara a Mulher. Ao Homem, restava-lhe o sofrimento frente à pergunta quase sussurrada: “- O nome de uma das sete maravilhas do mundo antigo?”. Segundo os peritos, os sinais mostravam, vivamente, que o professor Pio estancara-se com a caneta no ar; pois sentia, naquele embate infernal, a Mulher apontando-lhe as armas de Guerra. Aquelas tamanhas e poderosas, como a Catapulta, arma de ataque capaz de quebrar barreiras dos homens, especialmente, os encastelados e protegidos em cidades muradas. Haveria de destruí-lo, caso ele persistisse. Lançaria sobre seu adversário as mais potentes armas, que haveriam de liquidá-lo no interior do palácio. Recuasse, portanto, ou então, receberia o golpe mortal: haveria de lhe atirar a maldição das esposas incompreendidas!... Para os peritos, a mente do Homem dirigira-o para a área química. Ou ele a superaria agora ou haveria de viver a maldição das esposas abandonadas. O Homem sussurrava, exalando suor frio. Ele sentira o baque. Doeu-lhe a força desse punho gigante da Mulher à sua frente. Por isso, olhava, agora, de dentro do seu próprio silêncio, para dona Branca, en-

Notas:

(*) Umberto Eco – Confissões de um jovem romancista. Ed. Record/2018.

(**) Versos do poema “O Lutador” – Carlos Drummond de Andrade

quanto lançava mão do seu Aurélio: —O nome de uma das sete maravilhas do mundo antigo!... No entanto, as tentativas se mostraram infrutíferas e o silêncio fora quebrado, apenas, pela retórica ascendente da Mulher. “—o Santo Graal também é chamado de.....?”. Neste ponto, os peritos adicionaram ao laudo: “na sala avolumada de silêncio, podia ser percebido os contornos grandiosos dos olhos do Homem e da Mulher, como fossem eles, Dona Branca e o Professor Pio, os autênticos guerreiros rivais das antigas Cruzadas na Terra Santa.”.

Então, enquanto a Mulher já se debruçava nos desafios da sua Coquetel Super, um certo vazio se instalava no ambiente. Agora, as horizontais da Passatempo do Homem pediam ajuda aos deuses da sabedoria: “—Trepadeira comum em muros - com quatro letras? - A flor da idade, no sentido figurado - com nove letras?” ... Enquanto o Homem entendia a necessidade urgente dessas respostas, ela, a Mulher, garante os peritos, ganhava distância a olhos vistos. As palavras cruzadas exigem mais que uma brincadeira - ironizava em seu silêncio - como se mostrasse a ele, ao Homem, que as Cruzadas não brincam. Então, a Mulher preparou-lhe um olhar fulminante repleto de força bruta sonora: “Lutar com palavras é a luta mais vã. Entanto, lutamos mal rompe a manhã(**)”. E tomada pelo poder dessas palavras ditas, eis que, então, sob suas mãos, elas, as palavras, ganharam formas definidas de ataques: primeiro as pontiagudas, depois as cortantes, e por fim, as explosivas... E assim, a Mulher lançara, inapelavelmente, sobre Homem, os seus escudos especiais. Ao Homem, restava-lhe manter a distância adequada para não ser ferido de morte.

Notas:

(*) Umberto Eco - Confissões de um jovem romancista. Ed. Record/2018.

(**) Versos do poema “O Lutador” - Carlos Drummond de Andrade

Mas para sua festa surgiram os filmes, teatro, música, artistas e afins. O Homem sorriu largo, pois, se sentia no páreo; E assim seguiu ele, devorando com gulodice as suas anotações: - Em que cidade nasceu Yusuf Islam (conhecido como Cat Stevans?) – Qual série de TV tinha como protagonista o Ator Peter Falk? ... Como previsto, o Homem avançou três compêndios e cinco páginas, mas ainda era pouco. No entanto, com o rabo-dos-olhos ele percebeu que a incomodara. A Mulher, ali, embatucara-se diante dos símbolos químicos.... Ele ouviu, sim, a ênfase retórica, insistente, carregada de nervosismo: - Enxofre?... Lí-tio?...A mente não lhe faltaria nessa hora – sorriu triunfante. A toxicidade das substâncias químicas dançava à sua frente, como um gás mostarda, cloro, ácido cianídrico... mas ele, ali, definira-se pelo Napalm - O gel pegajoso e incendiário usado nas guerras trágicas do Vietnã, Laos e Camboja... porém, confessara a si mesmo que não viveria a dor do engenheiro Jeff O. Stanford – Chefe do Laboratório Químico dos USA, responsável pelo envio do Napalm às frentes americanas que, diante do grito antibélico do mundo, e culpando a si mesmo pelo genocídio, suicidara. Assim, a Mulher, novamente, ganharia a dianteira: - Península que abriga a Grécia e a Croácia? - Nome de Deuses da Mitologia Grega?... E então, decidida a trucidá-lo, sem perdão, tomou para si as armas decisivas. Com destreza e maestria, Dona Branca apossara-se dos Estrepes e Culverins; segundo os peritos, “armas medievais atiradas contra a cavalaria inimiga”. Desviando desse campo minado, o Homem titubeava em seu abecedário: - Substância encontrada em vegetais, de

Notas:

(*) Umberto Eco – Confissões de um jovem romancista. Ed. Record/2018.

(**) Versos do poema “O Lutador” – Carlos Drummond de Andrade

grande importância para o funcionamento do intestino? Os passos seguintes formariam a barreira implacável. O Homem sofria a cada pergunta que preferia não ouvir: - O maior império do mundo (em duração)? - Rei pagão denominado pelos judeus como o Messias?... As muralhas e fortificações, postas ao chão naquela guerra, levaram-no à rendição. O ar, agora, lhe faltava – disseram os legistas. Portanto, febril, cansado e ofegante, ele se acomodara sobre a mesa, com a cabeça inclinada no braço curvado, e o olhar, certamente, dirigido às pupilas da mulher. E então, a Mulher, com sua respiração traumática naquela batalha sangrenta, em que vencera o homem encastelado, numa luta silenciosamente inumana, reconhecera no antagonista, conforme a perícia, um guerreiro, alguém de valor e à altura, o que a levava à rendição definitiva. A ausência do ar, agora, sufocava a ambos – disseram os exames. Portanto, também ela, Dona Branca, acomodara-se na mesa com a cabeça inclinada e o olhar certamente dirigido às retinas do professor Pio!... Fortalecendo a narrativa técnica, o perito retomaria o “caótico rio de pedras”, criando, aleatoriamente, um apoteótico final: “nenhuma voz humana podia se fazer ouvir naquele instante fatal sobre o duelo na mesa; embora ambos, ali, tivessem o desejo de falar, de se despedirem de toda a carga de emoção que arrastavam consigo, não conseguiriam. O ‘rio de pedras’ interior que os conduzia, enfurecia-se cada vez mais, levando tudo ao redor para as invisíveis vísceras da terra, pulverizando cascalhos, blocos e rochas para exprimir, talvez, a impotência maior do Homem e da Mulher frente ao embate do invisível vírus vencedor.”

Notas:

(*) Umberto Eco – Confissões de um jovem romancista. Ed. Record/2018.

(**) Versos do poema “O Lutador” – Carlos Drummond de Andrade

ressignificação

Sábado à noite. Não fazia frio..., o tempo estava ameno, com uma leve brisa. Marcela olhou pela janela, colocou a mão para fora – mesmo com todos os aplicativos de previsão do tempo, ela ainda possuía o hábito de criança de checar a temperatura pela janela – e decidiu que deveria levar um casaco fino com ela. O habitual kit com máscara de pano e álcool gel individual estava em cima da cômoda.

Ela ainda tinha meia hora antes de ter que sair, e foi sentar-se na sala com seu celular. “Ter” que sair é uma expressão forte; o senso de obrigação mudou radicalmente depois do coronavírus.

Antes que pudesse se perder em algum aplicativo, olhando a vitrine da vida dos outros, seu celular tocou. Era sua mãe:

– Oi, filha, tudo bem?

– Oi, mãe, tudo certo e por aí?

– Também. Olha quem está aqui comigo, Tião. Você nem imagina o que ele aprontou hoje..., ficou o dia inteiro sumido, e voltou só de tardezinha, cheio de carrapatos (...).

A conversa seguiu, sobre as peripécias do gato e sobre o cardápio da janta que a mãe faria para o resto da família naquela noite. Esses cinco, dez minutos de ligação eram um hábito diário entre a jovem e

sua mãe. Um hábito recente, contudo. Durante a quarentena, Marcela voltou a morar com sua mãe por alguns meses, na cidadezinha de quarenta mil habitantes, a muitos quilômetros da capital. Depois de seis anos havia voltado à casa de sua infância e adolescência. Não foi uma volta fácil: as duas já tinham seus desentendimentos antes de Marcela ir morar fora, e depois de acumularem seis anos de hábitos independentes tiveram que aprender a conviver de novo. Mas valeu a pena.

Durante a quarentena, Marcela havia lido infinitos blogs de comportamento anunciando aos quatros ventos que as relações humanas seriam ressignificadas com a pandemia. Se houve alguma que realmente passou um processo tão extenso quanto essa palavra – ressignificação –, foi a sua relação com a mãe. Vídeo-chamada com o gato terminada, Marcela voltou aos seus queridos aplicativos.

Parou no perfil de uma amiga. Haviam tentado se falar durante toda a quarentena – ligações desencontradas, mensagens que só recebiam respostas depois de muitos dias..., a única interação de sucesso era comentários que uma fazia nas fotos da outra. Marcela riu, divertida e frustrada; ressignifiquei tanto com a minha mãe que não sobrou um pedaço dessa palavra para a minha amiga, pensou.

No fundo, ela não gostava daqueles aplicativos. Não gostava da interação virtual. Melhor dizendo: não gostava da interação indireta virtual. Queria olho-no-olho, conversa no privado, vídeo-chamada descabelada, barulho de descarga ao fundo. Mas, sem poder sair de casa ou se encontrar com amigos, o que teria sido de sua quarentena sem aquela vitrine virtual, recebendo corações de esmola para colecionar?

Esse dilema lhe acompanhou durante meses, e voltava à sua cabeça mais uma vez agora. Por que ficava descontente quando pensava na relação que tinha com essa amiga e também com algumas outras pessoas? O que estava tentando mudar e não conseguia?

Trabalhando nas minas de zinco do Peru, dois anos antes, Marcela havia experimentado uma vida social diferente de tudo o que conhecia. A mina era uma entidade que regia a vida de todos ali. O dia começava e terminava na mina, nas trocas de turno a cada 12 horas. Os trabalhadores passavam horas dentro dela – em suas galerias intermináveis. Estranhavam o contato com o ar livre; sentiam-se mais à vontade com o contato com a rocha. E mesmo fora dela, não iam muito longe – todos dormiam em alojamentos no entorno. Voltar para suas casas só a cada quinze dias, depois de quatro horas de carro e no mínimo uma hora de avião.

Marcela trabalhou por quatro meses lá, e o momento mais marcante de sua estadia não foi nenhuma explosão de dinamite ou perfuração de rocha, e sim a sua última quinta-feira. Por ocasião de sua despedida, o gerente-geral da operação organizou um jantar de comemoração a ela. Em Cerro de Pasco o sinal de celular é sofrível. Lá, como em toda mina, é proibido beber. Não há restaurantes nem delivery por perto, todos fazem suas três refeições no comedor compartilhado. A jovem havia passado suas noites de descanso em rodas de conversa, jogando cartas, tomando chá de coca, e uma vez na semana vendo algum filme antigo, em DVD.

Assim, o jantar organizado pelo gerente era um evento mais do que especial. Todos ansiavam a chegada daquela quinta-feira à noite. O jantar estava sendo preparado no “clube” da mina, uma casa de recreação anexa à casa da gerência. No cardápio, frango e batata. Mas não era um frango qualquer, era um *pollo al barril*, especialidade peruana: frango assado dentro de um barril de lata, ao carvão. A cozinha era o gramado em frente à casa; o grupo responsável pelo frango estava muito animado para acertar o ponto do carne e impressionar a “visita”. Os demais se dividiam entre a batata e preparar os pratos. Quando chegou ao clube, Marcela não conseguia distinguir o gerente-geral no meio de todo mundo.

Não havia talheres para comer. Todos se sentaram em círculo no salão principal, tomando Coca-Cola e conversando. Já mais para o final da janta, Marcela comentou com Juana, a única mulher peruana que trabalhava ali também:

– Que bonita essa reunião, tão diferente de como a gente faz na cidade. Estou indo embora depois de quatro meses, mas parece que conheço vocês há anos.

– *Marcela, lejos de la ciudad, o uno convive o se mata.*

Ainda sentada na sala, tentou ligar de novo para sua amiga. Ligação normal, nada. Ligação pelo *whatsapp*, nada. Olhou o relógio e já era hora. A festa de aniversário era na casa de seu amigo, mas achou que seria melhor ir de máscara de todas as maneiras. Pegou o presente, colocou a máscara e tirou uma *selfie* — “dia de celebrar o querido Pedro”, escreveu. Desceu para a garagem e entrou no carro. Antes de virar a

chave, viu uma notificação em seu celular: “Linda”, respondeu sua amiga à foto com o presente. No *whatsapp*, nem uma palavra sobre a chamada perdida.

O recomeço

Dois irmãos, duas combinações diferentes sobrevivendo ao caos de um mundo diferenciado. Esta história trata do amor, do ódio e da reconciliação. Reconciliar-se consigo mesmo e com a vida em redor. Às vezes a recusa de aceitar o perdão pode custar caro, evidenciar o rancor de um coração.

Na cidade de Nilópolis, no alto do cume da montanha Dois Corações, viviam dois irmãos, Mateus e José Luis. Ambos trabalhadores, porém, as brigas eram constantes. Tudo começou quando os meninos tinham oito e dez anos, respectivamente.

Estando na Lagoa dourada, durante uma brincadeira o mais velho acabou empurrando o mais novo, o que quase ocasionou uma tragédia. Após isso, a relação nunca mais voltou ao normal e José Luís viveu amargurado, sentindo-se culpado pelo ocorrido.

Vinte anos depois, os dois já estavam formados e sozinhos, os pais haviam morrido. O mundo passava por uma transformação nunca antes vista, um novo vírus surgia causando catástrofes, famílias perdendo seus entes queridos sem a oportunidade de uma despedida final por causa da alta taxa de contaminação e, além de tudo isso, o número de desempregados crescendo a cada dia.

Com esse cenário social e econômico no país, muitas empresas decretaram falência, inclusive, a loja na qual José Luís trabalhava como vendedor. Desempregado, sem nenhuma outra renda e lutando para se proteger, essa era a sua nova realidade.

Ao ver os relatos de mortes nos programas de televisão lembrou-se do único irmão, pensou em tentar uma reaproximação, tomou coragem e foi falar com Mateus. Em uma manhã de domingo, decidiu deixar as mágoas em prol de uma reconciliação. Ao entrar na sala, começou:

- Bom dia, Mateus. Tudo bem? Podemos conversar? - Questionou José Luís.

- Não quero falar com você. Soube que a loja fechou. Engraçado, não é? Você vim me procurar logo agora? Por que será? - Respondeu Mateus.

Mesmo magoado com a insinuação de que estava ali por interesse, José Luís continuou:

- Não, Mateus. A loja realmente faliu. Não vim te procurar por isso. Estava preocupado com você por causa da pandemia. Além disso, somos irmãos, não podemos ficar a vida toda brigados por causa de besteiras - Disse José Luís.

- Eu não preciso que você se preocupe comigo, saia daqui - Mateus respondeu, dando o ponto final naquela conversação.

Após ouvir isso, José Luís saiu cabisbaixo e chorou sozinho em casa. Mateus não era uma pessoa ruim, só guardava muita mágoa do irmão, porém, depois daquela conversa encontrou-se pensativo.

Um mês após essa visita, Mateus recebeu uma ligação de um hospital informando que o seu irmão estava na unidade de terapia intensiva em decorrência da contaminação pelo novo coronavírus e que os seus pulmões estavam bastante comprometidos. O estado de saúde era gravíssimo. O desespero o deixou desorientado, as lembranças do último diálogo que tiveram não saía da sua mente, a maneira como o havia expulsado não lhe deixava descansar.

Reuniu forças que pensava não existir e voltou a orar, algo que há muito tempo não fazia. Pediu perdão, prometeu que se o irmão não morresse iria esquecer todas as brigas, jurou uma mudança radical em seus costumes. Para a sua alegria, as preces foram atendidas e José Luís voltou bem para casa. Aproveitaram a oportunidade para fazerem as pazes de uma vez.

Recomeço, essa é a palavra que os define, recomeçar a amizade por tantos anos esquecida, valorizaram a fé, buscaram entender o novo momento que estavam vivendo. Reinventaram-se em novos empregos, abriram portas para a união, saíram do conforto dos seus lares para olhar o próximo.

A primeira mudança instaurada foram os almoços de domingo. Esse passou a ser um dia sagrado para os irmãos, era o momento da comunhão, em que conversavam longas horas sobre a vida e faziam pla-

nos para serem executados em curto prazo, como, por exemplo, a realização de visitas e entregas de mantimentos para as pessoas mais carentes da região.

O convívio e a amizade recém-restaurada fizeram com que os irmãos relembassem os ensinamentos deixados pelos pais e propagassem por meio das redes sociais a importância da união para vencer a pandemia e permanecer fisicamente e mentalmente bem em meio a quarentena. Tornaram-se exemplos na cidade de Nilópolis. Esses foram alguns dos resultados do firmamento de uma relação de amor entre irmãos. Agradeciam todos os dias por terem tido uma nova oportunidade, buscaram ajudar aqueles que infelizmente necessitavam da “cura” emocional, pois, perderam seus entes queridos. Perceberam que o mundo nunca mais seria o mesmo, mas também compreenderam que tudo é possível vencer se tivermos a fé e o amor.

minha liberdade

Após tanto tempo eu pude andar livremente pelas ruas de minha cidade, não preciso mais me preocupar na utilização de máscaras ou ficar olhando os jornais a cada momento na espera de uma vacina, é uma sensação de alívio quase que inexplicável.

Meses confinado dentro de casa sem poder ver as pessoas que gosto, só posso dizer que foram tempos sufocantes e sombrios para boa parte da população. Ao sair de casa vou imediatamente para a casa de minha namorada, onde finalmente conseguimos nos abraçar sem medo. Senti imensa saudade do seu cheiro e do macio toque de suas mãos, mas valeu a pena esperar para poder vê-la em segurança após mais de uma centena de dias trancado em minha casa.

Vê-la foi a melhor coisa que eu fiz pós-pandemia e a primeira coisa que fizemos foi ir ao parque que ficava próximo a sua casa, o parque não era tão grande, mas era repleto de árvores, havia várias pracinhas espalhadas para as pessoas de diferentes gostos, havia para as pessoas ficarem sentadas conversando ou fazendo algum tipo de exercício, pracinhas com diversos tipos de brinquedos para as crianças brincarem e se distraírem.

Havia no meio do parque uma lagoa cheia de peixes com uma fonte em seu centro que dava a tudo aquilo um ar artístico. Senti-me ao

adentrar no parque de mãos dadas com o amor da minha vida uma criança que acabara de receber um presente de aniversário ou um pedaço de bolo de chocolate.

Minha namorada olhava para as árvores tão alegre e tão feliz que não me contive de emoção e disse para ela que era para irmos até a lagoa em frente da fonte que ela tanto gostava, pois lá fora o local do nosso primeiro beijo e do pedido de namoro.

Fomos caminhando em silêncio, apenas ouvindo o barulho do vento nas árvores e como era gostoso o som das folhas se mexendo e outros casais apaixonados andando sem preocupação nem temor de voltar para suas casas doentes ou algo parecido.

Ao chegar à lagoa eu pedi para que ela ficasse à minha frente e digo a ela que essa pandemia havia me feito pensar demais no nosso relacionamento e que não estava dando certo ficar tanto tempo separado dela, por isso decidi que queria passar o resto da vida junto dela. Depois de dito isto, eu me agachei ficando de joelhos e pedi sua mão para que assim não iríamos ficar sozinhos nunca mais. Ela chorou e aos soluços me disse sim.

Posso dizer com toda a certeza do mundo que com essa realização em nossas vidas agora, seríamos bem mais felizes, sem preocupações pendentes, medo de nos afastarmos ou medo de perdemos um ao outro por conta de alguma doença terrível. Apenas pude tirar a lição de que temos que passar a vida com quem gostamos e sem arrependimentos de tentar a felicidade.

quase trágico

Noé caminha à sacada do apê, num raro momento de distração. A empresa para a qual trabalha adotara permanentemente o *home office*. Justificativa: economia no bolso dos sócios. Assim, o tempo que antes Noé usava para se deslocar ao escritório converteu-se em produtividade. Mora com o ofício. O salário, no entanto, continua enxugado.

Da sacada o homem vê a rua. Pessoas trafegam em frenético vai-e-vem, a respiração arquejante, mas seus semblantes, agora livres das máscaras, parecem insuportavelmente vulgares. De repente, lembra de voltar ao trabalho. Quando a esposa chega Noé sente-se comprimir, a luz do notebook lhe turva a vista.

Não trocam palavras. Sequelas da quarentena, do insólito convívio. Ela corre chorar no quarto. Ele tem metas a bater. Só o sonho é que não sobreviveu.

inaê e os povos

No início da pandemia, eu tinha acabado de me mudar pra Ilha, onde vivi aqueles cinco anos de maneira até tranquila. Passei por momentos de tristeza, raiva e angústia como todos, mas a possibilidade de ver o mar enchia meu coração de paz, tornava fácil mesmo lidar. Talvez porque, como meu nome, eu seja do mar: Inaê.

Quando enfim a vacina tinha sido encontrada, começou uma onda de protestos que me pegou de surpresa. Me habituei a levar a vida pelos dias calmos do mar, não saía nos dias em que estava agitado, por isso a surpresa. Mas assim como as águas são tanto mansas quanto revoltas, o são as pessoas.

Lembro que alguns protestos despontaram no primeiro ano de isolamento para depois esmorecerem porquê de nada adiantavam. Por debaixo dos panos, cuidando-se entre si, os povos trataram de sobreviver, com muitas baixas durante o período, mas sobreviveram. E aguardaram silenciosamente o momento de agir, que chegou junto com a vacina e o fim da pandemia. Sabiam que não seriam os primeiros elegidos a tomar parte da boa nova, embora tivessem sido os primeiros cogitados na fase de testes. Assim, esperaram; com a força que tem quem já levava cinco séculos de resistências nas costas.

Embora eu vivesse isolada, a Ilha fazia parte dos primeiros territórios a serem efetivamente retomados por eles, um verdadeiro quilombo flutuante. Na ocasião em que foi preciso escolher, decidi ficar e colaborar. Pensava que a Vida é feita de trocas, e aquela era a hora que eu poderia retribuir os anos de tranquilidade, e, quem sabe, me tornar uma pessoa importante. Se não fosse a surpresa e a rapidez com que tudo aconteceu, possivelmente eu teria uma preparação física melhor. Contudo, me apoiava em uma força mítica interior da qual eu era portadora e que era invocada das águas: como os demais, e como elas, também poderia ser revolta. Me tornei revolta.

A estratégia dos povos era articulada em ações por todo o território: tomar as regiões vizinhas às grandes aglomerações, esvaziá-las levando as pessoas mais pro interior do continente e liberar espaço pros que viriam depois, saídos das grandes aglomerações. Todos iriam para o interior do continente onde havia terra para estarem, não mais como descartáveis acumulados em torno de trabalhos que lhes matavam pouco a pouco.

Ao mesmo tempo, investiriam nos hospitais e instituições onde houvesse vacina para assegurar que não seriam usadas em quem vinha destruindo o território. Esses seriam relegados a própria sorte numa parte mais ao sul do continente. Tudo correu dentro do esperado, eu fazia trabalhos na Ilha. Fui diretamente responsável pela realocação dos que por ali passavam em direção ao interior, a Ilha conectava duas pontas distintas do continente, e não foram poucas as pessoas que auxiliiei.

A sensação de estar fazendo algo grandioso tomava conta de mim e me deixava em êxtase, o reconhecimento das pessoas me maravilhava. Mas toda meditação que eu tinha feito durante os cinco anos de relativa paz que vivi ali não foi o suficiente para me fazer entender que o que eu estava fazendo era em nome do coletivo, não porque eu sentia que precisava retribuir um regalo da Vida, ou, o que eu alimentava quase secretamente de mim mesma, porque receberia mais em troca.

Recebi, como todos que construíram aquele novo Presente, os devidos agradecimentos e o carinho de uma comunidade. Não foi o suficiente... queria ser considerada Heroína, com H em maiúsculo assim mesmo. Encontrei ecos desse desejo em outros também, e os nutri com minha própria fúria. Planejamos então invocar as águas para que fôssemos respeitados como deveria ser depois do tanto que tínhamos feito.

Trabalhei por meses nas forças que eu podia invocar, junto com alguns companheiros, até que pudemos reclamar o Poder. O ego me fez acreditar que eu era bem mais forte do que de fato era, e a minha força serviu apenas para matar quem estava comigo, não contamos com a incapacidade de domar esse poder. O lugar no qual treinávamos desapareceu, ficando a meus pés uma ilhota na qual vivo. Sozinha, sem poderes, sem reconhecimento. Desejar as águas faz o resto desaparecer.

conto pós-pandemia

O mundo vê horrorizado o vírus que devasta vidas pela Europa. A sociedade chora corpos transportados em caminhões do exército. As cenas soam apocalípticas, antes avenidas mundialmente conhecidas agora desertas.

Tudo bem no país do Carnaval, milhares de mortes acontecendo, mas isso é lá o outro lado do Oceano, nós aqui estamos em ritmo de euforia, mortes por insuficiência respiratória aumentando, mas o que importa? Sempre morre gente.

Maria quer é aproveitar suas férias, ouviu falar do isolamento na televisão, mas noticiários falam um monte de coisas, não diz respeito a ela. Passeando com seu bebê na casa da amiga que fica na capital, uma outra colega lá brinca o tempo todo com o bebê.

A vida é saborosa, gostam de mim, do meu filho. Maria sabe que a colega que permaneceu quase uma tarde toda com seu nenê nos braços está com covid-19. Tranquilo, dizem que as crianças são imunes a esse vírus. Seu vô adocece rapidamente, está com a doença. Todos na família resolvem fazer o exame e dá positivo, mas tudo bem, são jovens e essa doença é de idosos então a sua preocupação é somente com o avô.

No mundo virtual em que as pessoas expõem até suas idas ao banheiro em rede sociais Maria publica seu exame positivo no Facebook. Morando em uma cidadezinha pequena onde não havia vírus, sua família é a primeira contemplada, mas sendo só uma gripezinha irá passar logo.

O avô em questão de dois dias recebe a notícia que vai ser entubado. Pela primeira vez Maria sente-se um pouco abalada e vai até o hospital pedir perdão ao avô, afinal foi ela que levou a doença a ele. Mal respirando seu vô a consola e lembra que é uma doença que está matando, não é culpa dela, o perdão do avô a conforta ela pode seguir em paz pois ele a perdoou e já viveu bastante, o que se há de fazer? Mas enquanto está no hospital Maria ainda não sabe que sua mãe de apenas 42 anos estava também sendo internada gravemente com falta de ar sendo que escondeu os sintomas por vários dias pois a família já tinha muitas preocupações com o avô.

Á mãe Maria não vai pedir perdão já que uma pessoa de 42 anos não morre, essa doença é de idoso. Seu vô morre, mas já estava velho. No dia seguinte as 5 da manhã o telefone toca, deveria ser trote, quem liga essa hora? Mesmo assim levanta meia tonta de sono e vai atender. Sua mãe está morta.

Maria é a filha mais velha de Dona Maria da Luz dos Anjos, mulher batalhadora que abandonada pelo marido criou sozinha 4 filhas, uma delas até estava cursando medicina na Bolívia, mas voltou ao Brasil depois da doença da mãe e dando positivo para covid-19.

Maria permanece com o aparelho de telefone na mão, escuta ao longe alô sem retorno, como flashes lembra da mãe penteando seu cabelo para o primeiro dia de aula, a colocando em cima da sua primeira bicicleta usada, chorando orgulhosa em sua formatura.

Minha mãe morreu? Há pessoas que dizem que o pior do enterro é ver seu parente chegando em um caixão. As filhas não puderam ver, estava lacrado. Maria despenteada e mal vestida ainda não acordou da madrugada em que recebeu o telefonema:

- Isso é um pesadelo, eu ainda vou acordar!

Sem poder ver a mãe que até duas semanas atrás estava bem e sorrindo a filha número três se joga em cima do caixão ao vê-lo descer a sepultura:

- Sai daí Dona! Está contaminado! Os coveiros alertam, mas temem tocar na moça mesmo sabendo que ela quase cai na vala. A filha número quatro na sua inocência pré-juvenil filma tudo, afinal é assim que os *YouTubers* fazem. Ao chegar em casa no mesmo dia não quer ouvir as choradeiras das irmãs, tranca-se no quarto e posta no seu canal do Instagram as filmagens do enterro. A resposta vem no mesmo dia. A pacata cidadezinha do interior do Mato Grosso de pessoas amigáveis e gentis passam a atacar a família que agora é somente as 4 irmãs e uma vó idosa atônita pois acaba de perder o marido de um casamento de 50 anos e a filha única.

Não, ninguém tem piedade da dor da família:

- Não havia vírus na nossa cidade!

- Elas que trouxeram a doença!

- Irresponsáveis!

Como um telefone sem fio a história corre e já dizem que Maria foi a um baile com pessoas contaminadas de propósito, ela mesmo atônita tenta se defender:

- Só fui visitar uma amiga...

É pior, o ódio aumenta ainda mais:

- Fora da nossa cidade, você e suas irmãs!

Os gritos saem da internet e vão para a porta de suas casas, assustadas as irmãs fogem às pressas para a cidade vizinha. A mãe, dona Maria da Luz que era o arrimo da casa até da mudança cuidava, mas agora não há mais D. Maria, as filhas sem suporte saem com a roupa do corpo. A família está destruída.

A quilômetros de distância Renato está cheio dessa pandemia, tem apenas 30 anos, quer aproveitar a vida, esse negócio de ficar em casa com ele não rola, afinal essa briga de políticos não é sua, não é retardado para ficar enclausurado! É jovem, tem saúde, morre um monte de gente e daí? Não quer saber quantos são, pois, o problema não é dele!

Pega sua bike em um domingo ensolarado e vai visitar a filha na casa da cunhada, a menina tem aulas *on-line*, mas isso é uma chatice porque ele não vai acompanhar nada, não é professor, são eles que ganham para isso e a menina em casa não dá, mais despesas, ele já paga

pensão e a mãe da menina exigindo mais pois tem que dar um dinheirinho para a sua irmã ajudar a menina nas aulas. Assim não dá! As aulas têm que voltar já! Sua ex-cunhada tosse muito e está abatida, percebeu que vai várias vezes ao banheiro, mas pouco importa pois isso não é problema dele. Mais uma família para entrar nas estatísticas...

o faxineiro

Os Anseios coletivos e universais sacudiram as minhas incertezas, naquele instante não havia mais distanciamento entre a dor do mundo e a minha. Percebi que aquelas notícias que aumentavam rapidamente dia a dia eram agora, parte da minha rotina.

A realidade regada por lágrimas deu ênfase à pandemia que inicialmente havia sido negada. No carnaval ouviu-se muito sobre casos noutros cantos do planeta, não dei muita atenção, a realidade aqui ainda estava centrada nas cores vivas daquele povo que dançava o carnaval.

O pior aconteceu, o espalhamento exponencial de uma doença de dissipação rápida tornou a esperança essencialmente ávida. A precaução não era mais mero paramento, a sobrevivência ao vírus predis pôs o distanciamento e o impacto foram os inúmeros posicionamentos, alguns restritos, guardado e cautelosos e outros mascarados e temerosos.

Surgiram os heróis sem capa com atos honrosos que lutavam por todos em todos os lugares, clamou-se à medicina, mas ainda não tínhamos sido convocados e eles, não tinham as respostas. As calçadas foram higienizadas pelas cidades, nas casas, um paralelo à realidade. A dita

quarentena exigia resguardo social. O isolamento foi mais que essencial.

Os olhos tornaram-se são as janelas que abriram caminhos para a cisão, então, os sentidos distintos vieram à flor da pele, observei feliz o resgate humano da convivência. A incoerência sobre a apreensão gerou casos de intolerância, deixou ariscos todos os cidadãos, havia riscos por todos os lados, do alto dos céus ao chão. Era só uma questão viral, disseram eles no jornal.

No início foram muitas notícias com pouquíssimos casos no Brasil, mas o escancaramento estatístico rasgou as cortinas de maneira vil. Continuei a assistir o que acontecia. A saúde jogada ao relento, enferujou e no momento da crise, a base trincou. Ninguém havia se preparado para uma situação real de luta pela vida.

Os tantos anos de descaso e silêncio gritavam sem fazer barulho, enquanto as pessoas se escondiam do inimigo invisível. Um pensamento me atormentava diariamente. E quando tudo passar, o que sobrar? Retoricamente, respondi que há de restar aprendizado, perdas, dor e memória, superação, união, projetos e glória.

Não posso reverter o que já aconteceu, tampouco arrancar da terra os corpos que se foram, mas posso plantar a esperança num amanhã onde não permanecerão iguais, já que foram imprudentes, imaturos e desiguais. O momento é hoje, a realidade vai moldando a sociedade de forma sagaz.

A história vai mostrando sem filtro que a carne sangra mas a alma é abrigo e assim seguirão retirando todos os espinhos, pois a doença há de passar, cedo ou tarde. Enquanto isso aguardam pela cura, por uma vacina, é preciso remediar, ainda não sabem como.

Neste mundo de vasta tecnologia é que o futuro anseia por toda a vida. Não são binários, tampouco um número. Dos prejuízos irreversíveis, o discurso absurdo tratou a morte com normalidade, digo que não, as mortes não podem ser em vão.

Sairão disso com uma nova conexão, em tempos de tanta dor e solidão deram outro valor ao clamor do coração. O que tinha preço, agora possui apreço e o apelo é pelo amor paralelo à razão. Foi assim que respondi para Maria, a paciente em situação delicada na unidade de tratamento intensivo que passava os dias lutando por sua vida, no momento em ela me perguntou de onde vinha e qual era o motivo de tanta dor.

Estou há 3 meses empregada, cuido da limpeza dos ambientes, agradeço por estar ali nos momentos mais difíceis destes seres humanos, não me dou um nome, gosto de dizer que sou encarregado por extrair as coisas ruins. Às vezes, meu trabalho não me agrada, tirar a dor significa levar a alma, todavia, volte e meia consigo limpava somente a cabeça, faço com que os enfermos durmam por dias, e quando acordam já não existe mais agonia.

Estou aqui num emprego temporário, enquanto clamarem por alívio, estarei empregado. Meu papel não é entender, fui designado para determinadas funções, no entanto, a convivência com o homem incita

as reflexões. Satisfeito com meu trabalho, claro, mas penso que nada disso é por acaso.

quarentena enloquece quarentona

—Mãe, tem um homem no meu quarto. Tá só de calção, mexendo no celular. Não sei como ele entrou aqui, mãe. Estou apavorada, que é que eu faço?

— Calma, Bel. Ele é calvo e usa óculos?

— É sim.

— Tem bigode?

— Como é que a senhora sabe?

— Não se preocupe, filha, é o Gabriel.

— Gabriel, que Gabriel?

— Gabriel, seu marido.

— Mas o Gabriel, meu marido, sumiu quando eu tinha 35 anos hoje tenho quarenta e nunca mais o vi.

— Não sumiu, é que você trabalha de dia e ele trabalha de noite. Agora que vocês entraram em quarentena se encontraram novamente.

— Sério, mãe. Eu já estava de olho no Fred, colega de trabalho, achando que estava solteira.

— Tá não. Cuida! Vá falar com seu marido.

— Mas mãe...

-- Avia!

— Tá bom, mas tô com medo.

— Faz medo não. Vá lá.

----- x -----

— Oi.

— (Susto) Ooi, (escondendo o celular). Está infectada pelo corona vírus?

— Não estou contaminada. Você é o Fred?

— Meu Deus... outra vez...

Triste, inclina a cabeça, depois levanta, respira fundo e continua.

— Vamos lá. Sim, sou o Fred, quem é você?

— Eu sou Isabel e acho... que sou... sua esposa.

— Bel! (chorando)

— Biel! meu Biel (chorando)

— Bel!

— Biel!

— Bel!

cinetose

A reestruturação da ordem da vida promovia uma leve perda da razão. Devaneios de um despertar interno do passado que um dia foi e que insistia em voltar a ser. Fora o que Alexander sentiu ao subir no transporte público a caminho da Universidade. — Menino, passa logo na roleta ou quer causar uma aglomeração? — Disse a cobradora de ônibus e mãe de família que cumpria uma jornada dobrada para pagar as contas básicas.

Estava meio zozno com a volta. Não, preocupado. Esquecera do peso dos percalços que passava diariamente depois da pausa. Entretanto, nunca se sentira tão convicto das decisões feitas durante os seus estudos para o vestibular. Não se escolhe ser médico apenas uma vez, é uma afirmação constante. É lembrar do que o motiva todos os instantes em que a dificuldade da aprovação aponta uma direção diferente e encontrar forças para não desviar do seu destino.

O isolamento social não possibilitou apenas a reflexão de si mesmo, porém lhe conferiu a ponderação do mundo. A certeza de sua profissão fora resultado de tudo isso. Fascinava-se com a honra de futuramente exercer a sua profissão. Salvar vidas era o que ansiava mesmo que colocasse a sua em risco como muitos dos heróis que deixaram o seu legado no período histórico transcorrido. Eram representantes do seu querido ofício.

Passou a carteirinha de estudante tombando a cabeça para trás descreditado com o alto valor da tarifa. A perplexidade nem teve a oportunidade de durar muito tempo, pois o som da máquina tocou e a roleta girou o empurrando para o corredor do busão.

O estresse matinal nos transportes públicos prevalecia, porém por outra razão principal: a precaução. Desatentou a ocorrência, ao dar de cara com rostos distintos escondidos por detrás de máscaras coloridas. Imaginara que o Equipamento de Individual de Proteção (EPI) se tornaria habitual.

As intervenções se apresentavam sem qualquer sutileza. Passar álcool em gel nas mãos após pegar o dinheiro ou tocar na cordinha também acontecia, os mais precavidos usavam luvas. É claro que nem todos aderiam aos hábitos de segurança, todavia a aplicação da medida preventiva tão prevalente em hospitais, laboratórios e durante a pandemia ainda se manifestava após a minimização dos casos.

Ouviu uma tosse contida de um homem que inclinou a cabeça em movimento. O senhor estava no início do corredor, enquanto a moça que sentava no assento ao lado se levantou a procura de outro assento vazio. Alexander imaginara que a sociedade estava sensibilizada, mas vendo a forma descarada que a moça se levantou percebeu o pavor que tosse, espirros e escarros causavam após o isolamento.

Por influência coletiva, seguiu a ação que segundos antes criticara mentalmente procurando por um lugar vago, longe de pessoas. O medo expressava-se pelo cuidado excessivo. Sentou-se próximo a janela, a vista o deixava com o coração cheio e a mente vazia. Ficara perdido com

o excesso de informação para processar, a vida comum era nesse instante novidade. Olhar a paisagem da cidade o fazia lembrar por quanto tempo sonhara com o retorno de suas atividades. Quantas cogitações fizera sobre como o mundo reagiria? No momento, estava ali vivendo o mundo pós-pandemia. Tal acontecimento era profundamente desesperador e ainda sim glorificante. Tantas pessoas próximas suas foram impedidas pela covid pelos impactos da doença de viver a realidade a qual ele estava a presenciar. Pensar em pessoas era vivenciar lembranças. Memórias que não permitiria que um vírus apagasse. A vida não termina no último suspiro, o legado permanece.

Gerenciar tantas sensações era demais para um jovem que começara a sustentar as dores e as esperanças do mundo. O seu passado tão próximo transferia uma nova configuração ao mundo. Tudo o que é novo costuma causar assombro ainda mais quando a revolução acontece em seu interior.

O que mais aquilo havia roubado? Até dos problemas sentia falta. Queria a exaustão do ambiente universitário, queria as saidinhas com os colegas e queria abraçar a sua namorada que a tanto tempo não via. Ele estava carente de vida. O peso psicológico de tantas horas de introspecção. Tornara-o mais atencioso e mais humano. Quando todas essas transformações internas entravam em contato com as reações externas causavam provocações inerentes ao seu controle. Não lidava com mudanças. Preferia a constância a qual estava acostumado mas assim como ele. O mundo não teve escolha. Precisaram parar para que encontrassem a paz.

Fora removido de seu casulo após ouvir a voz conhecida do seu colega da Federal sentara no assento do seu lado. No entanto, o comprimento tão recorrente que executavam entre eles ficara no ar quando levantou a mão e o pensamento interrompeu a ação. O toque. Esse já não ocorria mais com tanta frequência. Era pensado. Era calculado. Esperava que a espontaneidade do amor não tivesse sido roubada. Os olhos incharam um pouco no desejo das expressões calorosas de afeto de volta. Contudo, ainda não era tempo. A pressa pelo momento o fazia desejar. Por mais que quisesse quebrar o protocolo, não podia porque os seus cuidados transcendiam-lhe, eram coletivos. Nesse critério, as escolhas não definiam somente o seu futuro. Então, baixaram a cabeça tentavam iniciar um assunto diferente que fugisse um pouco daquela situação. Não por constrangimento, porém na busca de novos ares que não os sufocassem. Entretanto, permaneceram mudos o trajeto inteiro. Na retomada do cotidiano sentiram-se intimidados com a realidade.

A reclusão social despertara nele a compaixão e a empatia. Era assustador a fuga fraterna, contudo não era motivo de reclamação. Mesmo isolado nunca pensara tanto nos outros. Mesmo afastado nunca foram tão solidários. Havia um propósito em permanecer naquele lugar. Carregava os momentos na alma em agradecimento a bênção da existência.

Apoiou-se ao movimento depois de tanto tempo de pausa. O fluxo de pessoas pelas portas e o balançar das agitações ocasionadas pelos baques recorrentes no coletivo devido aos buracos das ruas esburacadas que costumava transitar trouxeram-no ao estado atual o que o

permitiu respirar por uns instantes. A leve familiaridade conferiu a Alexander o pensamento de que as coisas não estavam tão diferentes.

Costume, eis o que mais buscava com o seu retorno a vida em comunidade. Todavia acostumar é parar. A existência é contínua. Se a vida está estagnada, só podia estar morta. O reboliço que sentiu em seu ventre o acordou para o verdadeiro fato que estava tentando afastar: ele estava desacostumado. Como o organismo de ser vivo evoluído, sentiu o impacto estava enjoado porque o seu corpo não acompanhava o fluxo. Ele sentia a perturbação provocada pela cinetose, o mal do movimento.

Embora a vida tenha sido provocada pela covid, a cidade ainda existia ela estava sendo retratada através da janela. A pátria amada acordava para os novos tempos. O lugar não se omitira da luta, ela sobreviveu e ele também. Tomara consciência de sua imensidão que não se restringia a si mesmo. Entendia que o simples deslocamento se repetiria e causaria menos estranhamento com o tempo. Ansioso pela reintegração ao espaço tempo, conteve os seus pés agitados que não aguentavam mais esperar.

Em busca do senso sobre quem era e sobre o local aonde habitara. Percebeu que já não eram os mesmos. A seleção os tornara outros mais fortes e mais adaptáveis as mudanças. Alexander desceu os degraus do ônibus preenchido pela gratidão por dar continuidade nos estudos de sua vocação. Cuidaria de vidas e da vida da Nação.

o sol tem cabelos longos

Borboletas açoitam as asas e ocupam os espaços aéreos da minha rua. Elas voejam entre as árvores. Dá para assistir entre os prejuízos dos galhos o colorido de suas asas frenéticas. Junto a elas os pássaros cantam pontualmente como um trabalhador de fidelidade impecável chega ao trabalho. Tudo parece igual, mas está tão diferente. Estamos mais leves, contudo nas ruas ainda dá para sentir o cheiro da morte que nos cercou e aprisionou. Eu perdi parentes, amigos, e o mundo perdeu tantas pessoas desconhecidas a mim.

Milhares de covas foram cavadas. Túmulos são escavacados todos os dias em todos os planetas habitáveis do universo. Todos aqueles aonde há vida mortal, se eles existirem mais de um é claro. Mas quando se trata de covas cavadas por um mesmo motivo que assolam e aprisionam pessoas em milhares de leitos e casas, ao mesmo tempo, a dor é estrondosa. Creio que estou devaneando em demasia meus pensamentos confusos de solidão não reparada.

A morte e a vida andam de mãos dadas. Muitos nasceram em meio ao cheiro podre do extermínio. Muitos e muitas nasceram trazendo luz aos olhos e cheiro de vida ao olfato. Os filhos e filhas da esperança de um mundo pós uma pandemia. Elas são as crianças que trouxeram à alegria as famílias, que nos fizeram torcer por sua sobrevivência, orar por seu corpo tão frágil e com quase nenhuma imunidade

além da força herdada geneticamente em seu sangue corrente, em suas veias pulsantes...

O sol é a grande testemunha. Ele que corre todos os planetas e tem o cabelo tão logo que traz rajadas de calor para aquecer nossos corpos fragilmente humanos. Ele que é sábio por ser velho. Mas todo velho é sábio? Talvez os velhos humanos não sejam tão sábios, porque os seus corpos não têm a força da plenitude de uma vida de séculos. Ou talvez, porque eles não aprendam com os seus erros. Estejam sempre a repeti-los como uma máquina de Xerox programada a realizar um milhão de cópias de um arquivo incorreto que não para até falhar miseravelmente e dar perda total.

Eu vou ao trabalho depois de muito tempo e o sol com seus cabelos longos me segue como testemunha também da minha vida, dos meus erros e acertos, dos meus feitos e não feitos e de tudo que se refere a minha impessoalidade ao longo do dia, mas dá noite ele de nada sabe. Eu paro na calçada por um instante e o sol sussurra em meu ouvido: “Vamos à praia”. Não paro pra pensar, dou meia volta e pego um taxi. Digo ao motorista para seguir em direção ao mar.

Meia hora mais tarde... Eu vejo o horizonte azul aquoso e o sol sorri pra mim, em saudação serena, e os seus cabelos longos são esvoaçantes e convidativos. Gostaria de fazer nele uma trança gigante, mas me queimariam as mãos por completo ao tocá-lo e eu viraria pó eternamente cósmico.

Digo ao motorista para parar, o pago e salto do táxi. Começo a correr feito uma louca freneticamente desesperada. Chego às margens

e paro por um segundo como se estivesse com medo, e estava. Contudo espanto esses fantasmas ao me jogar com roupa (e tudo mais) nas águas salgadas do mar que me lavou. E eu mergulhava, e eu nadava, e eu não pensava, apenas fazia. E eu era a vida do agora. E era gratidão perpétua pelo presente de estar presente. Eu, o sol, o mar e a vida brincávamos em uma manhã de segunda-feira.

E estar viva após uma situação de risco me faz testemunha de algo que vai ser colocado nos livros de história. Daqui a 100 anos os alunos estarão estudando sobre o impacto do coronavírus no Brasil, no ano de 2020. Mas nenhum deles saberá que eu me joguei ao mar em plena manhã de trabalho, que outras pessoas cortaram o cabelo em casa, que outras pessoas planejaram seu suicídio (e não o fizeram), que a ansiedade de ficar confinada às vezes era insuportável. Será que vão falar do mal psicológico que tudo isso causou? Da morte sem despedida? Do luto que não pode ter todas as suas fases? Ou apenas dos estragos econômicos e das posturas políticas?

Do futuro eu nada sei. Eu só sei que é no momento de caos que o melhor e o pior das pessoas emergem. Emergiram-se o bom caráter e o mau. Houve ações luminosas e horripilantes. Aconteceram doações e roubos. Tivemos os crentes e os descrentes. Os que se arrincavam e os que não saíam nem na calçada. E o Brasil foi tudo isso e muito mais. E tudo que se passou não caberá em livro algum, pois foi em demasia grande para ser posto sem lacunas. Todos os livros serão meias verdades. O dia depois do coronavírus é hoje. É o agora. Eu cercada pela água que me salva de me afogar na tristeza que outrora me possuía, porque é ela que sustenta as minhas forças, ironicamente esta é uma verdade

avessa à regra. Eu apenas sorrio, porque a maresia tirou do meu nariz o cheiro de morte e agora posso respirar em paz novamente. O dia depois de ontem é a liberdade de ser água corrente, que desvia de pedras, que limpa o que está sujo, que salga a pele, que embaraça o cabelo, mas que renova a vida.

falta gente

— Mamãe, a senhora não vai descer? Não vai dar uma voltinha na praça? O dia tá bonito.

— Eu não. Falta gente.

— O quê?

— Falta gente. A praça tá cheia de vazio, cheia de buracos.

— Não fala assim, mamãe. Não vejo nada vazio.

— Você fala isso porque sai de manhã para o trabalho e só volta à noite. Não tem tempo de reparar as coisas.

— Não tenho mesmo. Pra mim a praça tá do mesmo jeito. A senhora precisa parar com isso.

— Da janela, dá para ver que falta gente, a minha gente. Cadê a dona da banca de jornal, dona Léa? Se eu parar na banca de jornal hoje, não vou ver mais suas pulseiras douradas, umas vinte em cada braço, seus anéis coloridos, seus brincos que vinham quase nos ombros, ombros de fora porque ela adorava usar blusas Tomara que Caia só pra exibir a tatuagem e o colo cheio de sardas; deve ter pego muito sol na vida; onde já se viu velha de tatuagem!?

Nunca mais vou me surpreender com seus tons de cabelo espalhafatosos e me divertir com seu alto-astral. Cadê a chinesa discreta

com o labrador caramelo? Sentava sempre no mesmo banco todos os dias, sozinha, ela e o cachorro. Ficava feito uma estátua: coluna reta, não se mexia, não conversava, só se movimentava pra recolher o cocô do cachorro. Fazia o mesmo percurso quando chegava e quanto partia. Parecia um brinquedo de corda. O filho do chaveiro da esquina também sumiu. Nunca mais vou ver aquele rapaz gordinho, cheio de espinhas que passava as manhãs tocando seu violão. Ouve só: não tem mais som de violão na praça.

— Mas a senhora tá viva, mamãe. Se a senhora não descer, outras pessoas vão sentir sua falta.

— Depois de saber da morte de tanta gente, principalmente de idosos como eu, idosos desamparados, sem recursos, de ver tanta vala aberta, velórios vazios, milhares de pessoas por esse país afora em filas implorando dinheiro, de conhecer histórias tristes, eu não sei mais o quanto ainda estamos vivos, se estamos vivos. Assim como falta gente na praça, falta também pedaço de gente em quem ficou vivo. Quem sobrou, tá faltando um pedaço, meu filho.

— Vou fazer um suco de maracujá pra mim. A senhora quer? Tá precisando.

— Cadê a cuidadora do idoso ranzinza? Cadê o idoso também? Se morreu o idoso, não vai ter mais cuidadora. Se morreu a cuidadora, devem tá providenciando outro cuidador. Ele era do nosso prédio, sabia? Ficavam parados no jardim. O velho não dava bom dia a ninguém. O vendedor de balas! É mesmo. Agora que notei. Não tô vendo mais sua banca de doces e biscoitos. Ele ficava na esquina de lá. Uma vez por

semana, eu comprava alguma coisa só pra ajudar. Era um senhor tão simpático. Cadê? Havia também duas irmãs, pareciam irmãs, eram irmãs; viúvas ou solteironas, ninguém sabia; sumiram também. Além de gente que sumiu porque tem medo. A praça até parece um tabuleiro de damas vazio.

— Então, mamãe, mais um motivo pra senhora descer. Vai ser uma peça a mais no tabuleiro.

— Essa praga veio pra matar velho mesmo. Quem não morreu da doença, vai morrer de tristeza. Quer coisa mais triste do que não poder sequer velar o corpo do marido, do filho, da mãe, da irmã? Teve gente que enterrou o corpo de outra pessoa. Imagina isso. Devia ser tanta gente morta nos hospitais que entregavam à família o primeiro corpo que viam pela frente.

— Mamãe, mamãe, a senhora tá chorando. O pior já passou.

— O pior já passou? Pra você que tem seu emprego público garantido. Eu sou aposentada.

Graças a Deus! Não tô reclamando disso. Mas eu fico em casa e assisto aos jornais. A coisa não tá boa não, meu filho. Se estava ruim pra muita gente, depois disso tudo ficou pior.

— Mas a gente não é político, a gente não ganha pra resolver os problemas do país, a gente não tem trilhões na conta bancária pra alimentar todo mundo.

— Por falar em alimentar, você colocou o quilo de alimento na banca que montaram em frente à igreja?

— Claro. Só que não acredito muito naquilo. “Põe um quilo de alimento quem pode. Pegue um quilo de alimento quem precisa.” A senhora acha mesmo? Bebe o suco, mamãe.

— Isso não é problema nosso. A gente faz a nossa parte. Cada um com a sua consciência.

— Hum. Consciência. Eu vou na lotérica, depois vou ao supermercado comprar umas cervejinhas pra assistir ao jogo à noite.

— A máscara! A máscara, Ricardo! Toma. É perigoso ainda. Se eu olhar daqui de cima e você estiver sem máscara na rua, eu joga uma frigideira na sua cabeça.

— Tá bom, mamãe. Tá bom. Me dá isso. Tchau. Não esqueça, dona Rosa, a vida continua.

Tchau.

— E quando chegar da rua, não esqueça de tirar o tênis e deixar as compras no tanque. Deixa que eu lavo as cervejas.

Vida. Que vida? Não é bom sentar no banco da praça, apertar a mão não pode, comprar água de coco é perigoso, tem que lavar tudo o que compra. Viver de máscara? Prefiro ficar da janela. Quem podia imaginar que uma simples ida ao supermercado pra comprar um litro de leite fosse um dia significar trazer o inimigo pra dentro de casa? Só queria poder ir à missa. Hoje faz quatro três meses que você faleceu, minha

irmã. Me perdoa por não ter encomendando uma missa de sétimo dia. Foi tudo tão rápido, tão confuso, tudo tão proibido. A gente não sabia direito o que podia e o que não podia. Hoje eu queria ir à missa, mas acho que ainda não é recomendado: não pode abraçar os irmãos, comer a hóstia é perigoso, o corpo de Cristo é perigoso; ah, perdão, Senhor, perdão. Eu sei; mas a gente nem tá numa guerra, não tem tiroteio na rua, as ruas nem estão alagadas, mas é mais prudente ficar em casa. O inimigo ainda está por aí, ninguém sabe onde, com quem; um inimigo invisível, quieto, sorrateiro. Fica parado na lagoa igual a um crocodilo esperando a presa, se fingindo de morto. Ardiloso feito uma planta carnívora que atrai o inseto bobinho pra depois fechar as folhas, fechar as pétalas venenosas e sufocar o pobrezinho até a morte. Se o Raimundo estivesse vivo e fosse infectado, não ia durar nada; pulmão podre como o dele; fumou a vida toda; o vírus não teria nenhum trabalho. Ah, Deus o tenha.

A praça, hoje, tá vazia, minha irmã, a nossa praça, mas vai nascer de novo, vai brotar gente nova, vai crescer com uma outra cara. Eu sei que tudo isso é só um momento, curto, mas que abriu um buraco grande no meu peito e na vida de muita gente. Eu é que preciso aprender a caminhar novamente, mesmo que devagar, e sair desse buraco, renascer pra uma vida diferente, a única que ainda me resta pra viver.

depois da máscara

Depois da máscara, quero sorrir, não para mim, mas para quem queira me ver no meu sorriso. E assim, meu sorriso será meu sorriso. Me acostumei, portanto, a sorrir com os olhos. Com a máscara meus sorrisos eram vistos através dos meus olhos. Mas há quem não sabe sorrir com os olhos. Meus olhos sorriam sozinhos. Depois da máscara eles se fecharão para o choro de quem chora demorado o abraço que parece que nunca teve. As pessoas não passarão mais a se cumprimentar com os cotovelos, mas com abraços.

Tenho saudade do pão de queijo da minha avó, do bom dia, bem de perto, da minha mãe, de receber meu pai no aeroporto e sentir aquela barba mal feita dele, e de, principalmente, brincar com minha sobrinha. Depois da máscara, não só eles me terão por perto, mas sentirei o calor de amigos e de familiares. Sentirei o calor das pessoas.

Depois da máscara minha cara será enfim revelada. Cara essa esquecida por muitos. E todos, com suas caras reveladas, dirão quem são, longe desse medo e dessa angústia que a gente vive. A face é nossa identidade. É por ela que esboçamos nossas emoções, quando estamos alegres ou tristes. Mas com a máscara somos pessoas com uma face seca, com pouca expressão.

Com a máscara ou não, a saudade de quem perdeu amigos e parentes será eterna. Em uma guerra onde o ser humano mais uma vez se

viu só. Existe um distanciamento violento entre as pessoas, seja físico ou emocional. Ninguém se toca e mal se olha nos olhos. O medo de ficar doente nos impede de sermos nós mesmos com relação as pessoas. Depois da máscara, não quero mais ver faixas no chão determinando o distanciamento entre as pessoas e entre as mesas dos bares.

Depois que eu tirar minha máscara, quero respirar suave, sem o cheiro do tecido, e sentir o vento passeando por minha boca e o ar entrando livremente pelo meu nariz. Mas depois que eu tirar a minha máscara quero mesmo ir dançar com os amigos. Festejar a vitória de uma guerra que parecia impossível.

Não terei boas lembranças do tempo em que eu usava máscara. Então, depois da máscara, quero não ter mais medo. Medo de olhar no seu rosto e lhe dar um beijo na boca.

o mundo pós-pandemia

Ainda há resquícios da devastação por toda parte, o noticiário ainda alerta para os escombros. O que será lembrado? O que sobrou? É o que muitos se perguntam, assim como Dona Maria. Porém, surgem questionamentos mais violentos, já que alguns seres humanos sempre tentam culpabilizar os outros pelos próprios erros.

Dona Maria, uma mulher simples, sem sobrenome marcante, dona de casa e lutadora. Para ela, o que era desconhecido para alguns já havia se tornado habitual, o esfacelamento, principalmente o social. Mãe precoce, filhos sem pai, pobre, sem trégua. Qualquer crise chega mais aguda para os miseráveis de moeda. Seguindo a teórica logicidade do mundo e dos seres humanos, a concórdia entre o rebanho de condenados seria coisa certa, mas não foi.

O mundo mudou repentinamente, mas e as pessoas também mudaram de supetão? Em alguns lugares distantes da realidade de Dona Maria a união prevaleceu, porém nos seu limite territorial foi muito diferente daquilo que ela viu no início da praga pela televisão. A condolência que se tinha com os outros, com os exóticos cidadãos de outras pátrias não foi a mesma entre os próprios tupiniquins.

Como se abrigar e proteger os meus? Essa era uma das inquietações de dona Maria. Batalhadora desde sempre, contudo dessa vez os obstáculos estavam grandes por demais. Mesmo sem suporte, muitos

hã de sobreviver mediante ao suor diário, era o que ela e muitos pensavam. Mas o que vem depois?

Continuaremos somente sobrevivendo? Será que as coisas se resolverão por si só? Até quando conseguiremos sobreviver? Dona Maria chegou a passar noites e noites em claro preocupada com os seus e até mesmo com os dos outros. Entretanto, chegou um determinado momento em que teve uma falsa sensação de normalidade, se animou, pois não sabia que a sensação era falsa. Todavia, logo a realidade assustou novamente e com ela vieram novas aflições. Por que estão tentando nos enganar? Por que as pessoas se contentam com cortinas de fumaça? A pior das indagações veio à mente: Por que querem nos matar?

Depois de muito tempo e angústia, a praga passou. Dona Maria e sua família sobreviveram, ainda assim não saiu ileso. As marcas do calvário o qual muitos não passaram nem um terço, dona Maria vai carregar por um longo tempo, ela e muitas famílias. Chegou a conhecer duas Marias que não sobreviveram, teve empatia. Mesmo com tanta desgraça, sem trégua e sem descanso, nunca pensou em desistir, pois dela muita gente dependia.

Após tanta destruição, ficam os destroços. Como sobreviver a tantas ruínas em meio ao desamparo?! Essa foi a indagação que sobrou para muitas Marias e Joãoes.

sonho apocalíptico

A resposta veio em forma de sorriso. Um sorriso tão espontaneamente sereno que foi mais suficiente do que qualquer resposta articulada. Senti paz. Era só o que eu precisava. Então adormeci. E tive um sonho. Nesse sonho eu senti que ganhava uma nova chance. Tudo havia me sido perdoado. Todas as falhas. Todas compreendidas e resolvidas. Resolvidas, quando a gente sente que mesmo a dor teve um propósito. A gente aprende alguma coisa, ou se movimenta de alguma forma e isso traz consequências. Inteligências artificiais também se valem do erro.

Olho pra minha mão, tem uma semente. Contemplo-a. Planto diante de mim. O que virá, só Deus sabe. Não temos controle. Não dominados o planeta. Não somos melhores. Somos, no máximo, mais violentos que os outros. Pensar que temos o poder, que controlando as vidas seremos mais felizes, é puro sofrimento. É rio de lágrimas.

Aí, de repente, eu me vi no meio de várias pessoas ao ar livre sentadas na grama, atentas ao que uma figura dizia:

— Respira. Bem profundo. Não pensa nada. Vai levando tua atenção pra respiração. Sem pressa. No seu tempo. Muito bem. Inspira. Enche o abdômen, enche o tórax, agora leva o ar até as clavículas e retorna esvaziando primeiro abdômen, tórax e clavículas. Excelente. Faz quantas vezes sentir necessário. E então, contempla o que realmente te pertence.

E as pessoas proferiram frases:

— Aprender a enxergar o outro.

— O afastamento nos condenou.

— Somos sociáveis, mas a gente cresceu tanto que se perdeu.

Perdeu a noção de pertencimento

Não a um lugar

Se não, ao nosso sentimento.

— Não se trata de quem errou mais.

— Não é a essa identidade que respondes.

Aí a figura retoma a palavra:

— Faz de conta, só imagina, faz esse esforço mental de enxergar como se tudo fosse pro teu bem, pro nosso bem. Por que você estaria passando por isso? Por que nós estaríamos passando por isso? Podemos trilhar esse caminho de alguma forma como se adiante pudéssemos mesmo ficar gratos por tudo isso? Podemos fazer diferente? Dessa vez, compreendendo as forças invisíveis que são muito mais fortes que nós. Que podem alterar nosso presente, passado, futuro. Porque nos modificamos constantemente. Negar isso é causa de sofrimento. O que tu és? Tu és o teu irmão. Tu és ele mesmo; se te ajudar a compreender isso, pode pensar que é tu vivendo em outro espaço-tempo. Outras vivências, outras experiências, outras formas de ser, de sentir, outros átomos, outra história. Tenha compaixão. Respeito. E deixe ser livre.

A verdade liberta. Não tente capturá-la.

Aceita teu tamanho, ser humano.

Aceita tua posição no mundo.

Aceita tuas limitações.

Colabora agora.

Faz tua parte

Pra fazer parte

De algo

Que sempre pertenceste.

Não é o objeto que importa.

Se ele se vai, tu aceita.

Porque nunca foi aquilo

A tua felicidade.

A verdade

Transita entre os estados,

Mas está sempre lá.

Pronta a ser descoberta.

É nossa função fazer isso.

Só nós podemos.
Nossa responsabilidade.
Quantas linhas terei de escrever
Até você entender
Que está dentro de você?
Que é um caminho.
Onde os ciclos se perpetuam.
Onde a dor vem
Mas ela também se vai
E deixa contigo
Algo que modifica a visão de mundo.
Nem pro bem,
Nem pro mal.
É a tua forma apenas.
É você reagindo diante das experiências.
É você
O tempo todo
É você.

Não é Deus. Não é o demônio.

É você.

Não é dual.

Não é material.

Não é virtual.

É teu caminho espiritual.

Permanece após o fim

Somente o essencial.

E então eu acordo.

o reencontro

— Ai! — exclamou o adolescente.

— Doeu? — perguntou a enfermeira, com um singelo sorriso.

— Um pouco.

— Perdão.

— Não foi nada — relevou o jovem, pressionando o algodão sobre o braço esquerdo no local onde fora aplicada a injeção.

O adolescente agradeceu a atenção da enfermeira, parabenizou o trabalho dela e se despediu. Ela falou um “se cuide” de maneira simpática.

— Próximo, por favor — solicitou a enfermeira. Sabia que, nos próximos dias, o posto de saúde no qual dava seus plantões estaria apinhado. A vacina, enfim, chegara. Todos os moradores daquela pequena cidade iriam ser imunizados. A enfermeira teria muito trabalho, mas o faria com um imensurável prazer.

...

O adolescente chegou em casa. Estava quase na hora do almoço. Um aroma bom de comida vinha da cozinha.

— Oi, filho. Conseguiu se vacinar? — indagou a mãe, mexendo o caldo de feijão com uma colher de pau.

— Sim, consegui.

— Que bom!

— Vai demorar a sair o almoço?

— Não, já está pronto — respondeu a mãe, que sabia da agonia do filho.

A intenção do jovem era almoçar rapidamente e, agora, imunizado, visitar aquela por quem nutria uma enorme saudade. Não via a hora de abraçá-la, de beijá-la. De trocar carinhos. Desde a pandemia, ficara proibido de vê-la. Foram longos quatro meses de espera. Um sofrimento que não lhe cabia. Isso lhe cortava o coração. Ele sabia da gravidade da doença. Dos sintomas que a enfermidade causava, como falta de ar, e das possíveis sequelas que poderia deixar. Sem falar das centenas de milhares de mortos e dos milhões de caso pelo mundo a fora. O rapaz, portanto, estava ciente da importância de se fazer o distanciamento social por mais que lhe incomodasse o fato de não tê-la ao seu lado, de não poder dar-lhe a mão e levá-la para passear. Sentia muita falta de tudo isso, mas não queria se colocar e nem colocá-la em risco. Mas a preocupação havia acabado com a chegada da vacina.

A mãe serviu-lhe o almoço. E ele se pôs a comer.

— Coma devagar, senão vai passar mal.

— Mas, mãe...

— Sei que está ansioso em ver o seu amor, mas não precisa pressa.

— Está bem, mãe.

Minutos depois, ele terminou de comer. Apressado. A mãe me-neou a cabeça negativamente, mas não brigou.

— Não vai tomar seu suco?

— Não, eu bebo depois. Coloque na geladeira, por favor — disse o jovem, indo para o quarto se arrumar.

Enquanto se vestia, lembrou-se dos momentos que havia passado com ela antes de a pandemia mudar as rotinas das famílias. Aos sábados à noite, ele e ela costumavam assistir a filmes, sempre degustando uma pipoca. Divertiam-se com as comédias.

Assustavam-se com as histórias de terror. Intrigavam-se com as ficções científicas que traziam em suas histórias os tempos vindouros.

— Como será o futuro? – perguntava ela.

O jovem, segurando as mãos dela, apenas dizia:

— O seu futuro será comigo. Jamais a abandonarei.

Certa vez, para aproveitar o belo entardecer, decidiram fazer um piquenique em um parque próximo à casa dela. Levaram uma toalha quadriculada e uma cesta. Nela, pedaços de bolo, biscoitos caseiros, doces, algo para beber. Estenderam o pano perto de um cercado onde se viam diversas flores. Azaleias cor-de-rosa, antúrios vermelhos, copos-

de-leite, crisântemos coloridos. Encantaram-se com aquele cenário florido.

Em seguida, puseram-se a degustar os quitutes que haviam trazido. Conversaram animadamente sobre as mais diversas amenidades e arrefeceram os olhos com as cenas bucólicas que aconteciam no finzinho de tarde no parque. O sol já estava se escondendo no horizonte, fazendo com que o céu ganhasse um alaranjado.

Borboletas batiam suas asas de forma acelerada e pulavam de flores em flores, acariciando as pétalas. Em outra parte do parque, dois cachorros vira-latas brincavam no gramado: um tentando morder o queixo do outro. Seus rostos iam para lá e para cá. Suas bocas abriam e fechavam. Tocavam-se de forma fofa com suas patinhas, empurrando-se. Às vezes, um caía de barriga para cima, mas logo se reerguia para continuar a brincadeira. Sentado em um dos bancos de cimento da praça, um casal de idoso dava o de comer para alguns pombos, que arrulhavam de excitação por causa do banquete.

...

Esses pensamentos vieram enquanto o jovem se vestia. E, agora, enfim, ele e ela poderiam repetir esses e outros momentos. Afinal, após muita dedicação dos cientistas e dos profissionais de saúde, que trabalharam diuturnamente para encontrar uma imunização eficaz, a vacina estava disponível. O adolescente lembrou-se da picadinha da agulha mais cedo pela manhã. Doeu um pouco, mas valeu a pena. Sorriu, pois lembrou-se de sua cara de dor.

Já vestido com uma camisa polo branca, calça jeans e calçado com seus tênis pretos, foi ao banheiro usar o espelho para se pentear. Cabelo ajeitado, borrifou um pouco de perfume, escovou os dentes e apagou a luz do banheiro.

— Estou pronto, mãe. Posso ir?

— Vai, meu filho. Pode sim. Você deve estar morrendo de saudades dela?

— Estou mesmo. Quatro meses sem ir lá.

— Está bem. Aproveite. Divirta-se. Pegou o dinheiro para o ônibus?

— Ih, já ia esquecendo.

— Está em cima da mesa.

— Obrigado, mãe.

— Ah, você ligou para ela? Às vezes, ela pode ter saído?

— Liguei sim. Ela está me esperando.

O jovem pegou o dinheiro sobre a mesa e foi em direção à porta.

— Ei, mocinho? – a mãe o chamou.

— Que foi, mãe?

— Não está se esquecendo de nada?

— Não, já peguei o dinheiro.

— E cadê meu beijo, hein? — cobrou a mãe.

— Ah, tá...

— Você pensa que só ela vai ganhar seus beijos, é?

O adolescente sorriu e voltou para abraçar e beijar a mãe.

— Pronto, agora pode ir.

— Obrigado, mãe.

Ele saiu apressado. Deixou até a porta aberta, que a mãe teve de fechar. O adolescente foi direto para a parada esperar o ônibus, que não demorou nem dez minutos para passar. Agora, faltava pouco para eles se encontrarem. Iria cobri-la de carinhos. Poderiam ir até o parque ou ver um filme para lembrar os tempos de pré-pandemia.

Em pouco tempo, desceu do ônibus. A casa dela não ficava longe da parada. Subiu a rua, depois virou na esquina à direita. Avistou um menino que arremessava um graveto para seu cachorro pegar. O cão corria, mordida o pequeno e fino pedaço de madeira e trazia para o seu dono, que voltava a arremessá-lo. Viu também duas crianças que estavam riscando a rua com giz. Pintavam quadrados e, dentro deles, números. Iam pular amarelinha.

— É, parece que a vida, pouco a pouco, está voltando ao normal. E isso é muito bom — disse para si, com um sorriso.

Continuou o seu caminhar até chegar à casa dela. Tocou a campainha. Ela abriu a porta. Depois de quatro meses, eles se entreolharam. Era muita saudade. Sorriram. E o jovem disse:

— Bença, vó.

— Deus o abençoe, Deus lhe dê fortuna — respondeu a senhora de cabelos grisalhos, de óculos redondos que ficavam na ponta do nariz e de vestido florido, estendendo a mão para o neto beijar.

Depois, abraçaram-se. E lágrimas, de saudade e de alegria, brotaram. A senhora colocou as duas mãos no rosto do rapaz e o beijou na testa.

– O que vamos fazer hoje, meu neto?

– Pensei em fazer um piquenique no final da tarde e, à noite, assistir a um filme...

— Como fazíamos antes da pandemia?

—Como fazíamos antes da pandemia — concordou o jovem.

janelas da solidão

Acordei assustado com o barulho de uma batida forte que parecia ser de uma porta ou de uma janela quando batem pela força do vento. Meus olhos ainda estavam com remelas e a claridade provocada pelo sol vinda de uma fresta não me deixava enxergar direito. Coloquei a mão esquerda no travesseiro do lado e não senti nada.

Desci com a mão pela cama e também não havia sinal algum. Meus pés deslizavam sobre o lençol frio e ela não estava na ponta da cama. Comecei a ficar preocupado, afinal era a primeira vez em mais de dez anos que minha amada Clarice não estava ao meu lado fazendo carinho para me acordar e me dando doces beijos.

Depois de meses trancados em casa para cumprir o isolamento social e com algumas brigas que assustavam até os vizinhos com gritos e arranhões, Clarice me abandonou e sei que a culpa foi minha. Eu sempre fui um companheiro bom e fiel. Nunca me importei de ter que trabalhar para comprar comidas boas, roupas caras, remédios, ostentações sem necessidade e até um lar para viver ao lado de Clarice.

Morávamos em um apartamento, mas os vizinhos não aguentavam ver a nossa felicidade e tivemos que mudar de lar. Que tristeza! Em meio a uma pandemia, minha linda Clarice se foi e nem disse adeus.

Alguns dias se passaram e eu não sabia mais o que fazer de tanta solidão. Chorava de quatro a cinco vezes por dia, bebia para esquecer

do rosto dela e do seu cheiro e nada fazia sanar a dor absurda que eu sentia. Numa tarde me revoltei e, mesmo não podendo sair, acabei quebrando os protocolos. Coloquei a máscara e procurei Clarice por vários lugares, na praça, no mercado, na loja de doces e até em cima dos telhados e nada. Deixei cartazes espalhados por todos os cantos suplicando pra ela voltar. A cada minuto eu olhava nas redes sociais e até comprei os jornais do bairro, mas nenhuma informação de Clarice.

Depois de um mês a ficha começou realmente a cair, mas a tristeza não. Talvez fosse melhor aceitar a realidade cruel e não manter mais esperanças da volta dela. A tarefa não era fácil e nem meus amigos e familiares conseguiam me alegrar. Alguns até me visitavam mesmo eu insistindo para que não viessem, pois não queria perder mais ninguém e o risco ao sair de casa e pegar o vírus é sempre presente em tempos de pandemia. Minha última alternativa foi uma consulta online com o doutor Azambuja, um médico que era de tudo um pouco, de clínico a psiquiatra, de amigo a homeopata.

Ele me recomendou alguns remédios e disse que tudo ficaria melhor depois de trinta dias. Os remédios me deixavam sonolento e em alguns momentos até andava pela casa sem saber para onde estava indo. Em vários momentos eu via o rosto de Clarice e até conversava com ela, mas eram alucinações misturadas com efeitos colaterais dos medicamentos. Depois de duas semanas já me sentia melhor e até me alimentava, algo que não fazia bem depois da partida de Clarice. Os dias estavam melhores e até me animava para ir rapidamente à padaria comprar pães novinhos. Pelo caminho me lembrava dos passeios com Clarice e lágrimas vinham naturalmente e lentamente pelo meu rosto.

No dia do aniversário de Clarice, e exatamente um mês depois do prazo que o doutor Azambuja deu para a minha melhora, cientistas cubanos descobriram a vacina contra o maldito vírus. O mundo respirava melhor e bem mais aliviado. Na mesma noite fui dormir mais cedo e deixei a janela da sala aberta para ventilar. Na manhã seguinte acordei com Clarice me dando beijos e me fazendo carinhos com suas patas de gatinha cheias de amor e também porque estava com fome. Coloquei proteção em todas janelas e Clarice nunca mais fugiu e vivemos felizes para sempre.

os dias depois da pandemia

Morador de um pequeno sítio pouco distante do centro do município, Pedrinho, ainda criança, vive um momento difícil, mesmo com não lhe faltando quase nada. Na horta há abundância de legumes, hortaliças e temperos; no pomar uma variedade de frutas que faz a diversão da família e dos pássaros que lá vivem; no terreno muito bem cuidado planta-se e colhe-se entre outros produtos, feijão, batata e milho. Deste último a sua mãe retira as espigas para fazer deliciosas comidas doces e salgadas.

Na invejável boa vida que leva dá-se ainda ao luxo de possuir animais dóceis como o pangaré Alazão, o cachorro vira-latas Minduim - geralmente infestado de carrapatos e sempre rondando nas cercanias - e pássaros em gaiolas ou em poleiros, como o casal de papagaios Fala Muito (a fêmea) e Fala Pouco (o macho). Sem contar patos, marrecos e as muitas galinhas ciscando no terreno junto com seus pintainhos.

Muitos almejariam estar no seu lugar morando em local tão aprazível, mas ele se sente prisioneiro. Retido pela pandemia não pode correr pelas campinas, ir à escola, jogar futebol ou brincar com os amigos. Seus deslocamentos estão restritos a parte frontal da casa. O impediram inclusive de buscar sal, açúcar, café, groselha e cachaça na venda, como costumava fazer. Nadar no riacho então, nem pensar. E a missa aos domingos, ponto de encontro com colegas e comilanças depois, está suspensa por ordem do Bispo.

Para um garoto de sete anos acostumado a viver livre, fica difícil compreender a obrigatoriedade da reclusão. Mas sabe que obedecer é bom e evita surras de cinta, só quem apanhou com ela dobrada sabe a intensidade da dor. E Pedrinho as conhece muito bem, passou muitas vezes pela dolorida experiência.

Os dias e meses passam lentos, por demais preguiçosos. Quase nada a fazer para ajudar seu pai no campo ou a mãe na cozinha. Boa parte do tempo o menino passa recostado na frondosa mangueira que, à tarde, faz sombra na casa, e têm como companhia os amigos do reino animal. E conversa com eles, conta histórias como aquela já repetida dezenas de vezes por ele e seu pai: a da frondosa que lhes faz sombra é uma espécie centenária, plantada pelo seu bisavô. Nunca deixou de produzir frutos ao longo dos tantos anos ali fincada, e três gerações da família os colheram.

Os animais, alguns espreguiçados no chão e deliciando-se com a brisa suave do horário parecem entender, e até permanecem em silêncio enquanto Pedrinho fala. Se perdurar por muito tempo o isolamento certamente a papagaia Fala Muito a repetirá, poupando a voz do menino. Repetitiva e enfadonha, mas um fato novo veio a dar mais tempero à história. E quem o trouxe foi justamente o pai de Pedrinho. Após o jantar reuniu a família da forma costumeira e fez comparações simples que encantaram Pedrinho. A narrativa foi mais rica e provou o vasto conhecimento do contador, um sujeito matuto e conhecedor da natureza.

Comparou a pujante e centenária mangueira como se fosse a própria família, exemplificando o bisavô de Pedrinho – quem a plantou – como o tronco da pujante árvore, os fortes galhos seriam a segunda geração, no caso, o pai e tios do menino. E fez com que Pedrinho entendesse que os frutos são a terceira, na qual ele se enquadra.

Quanto as folhas, disse ser a somatória das boas ações que os membros do clã familiar praticaram ao longo de suas vidas. O garoto não pôde se conter de tanto entusiasmo. Jamais ouvira palavras tão sábias como aquelas. E quando o pai finalizou dizendo que as raízes fincadas no subsolo representam a estrutura familiar que mantém a árvore em pé, usou como exemplo a força da natureza. A mangueira, ao longo dos tempos, resistira a fortes tempestades e vendavais, e suas raízes continuam firmes, pois são valores que permanecem vivos por gerações.

Pedrinho mal conseguiu dormir. Sabia agora de sua responsabilidade para manter a mangueira produzindo frutos e resistente a intempéries. Precisaria passar futuramente os mesmos ensinamentos aos filhos. Ficou desesperado em poder contar para a professora e os colegas de classe o que aprendera, mas entendeu a cruel realidade de estar prisioneiro. Com toda a extensão do sítio, estava restrito a circular apenas entre a varanda e a mangueira. Era o tamanho do seu mundo no momento. Livre mesmo sempre esteve velha mangueira, pensou ele. Alta-neira, rija e verdejante. Jamais sucumbiria a um vírus quem tinha enfrentado as forças da natureza por décadas e continuava produzindo frutos, dando sombra e guarida aos pássaros.

Aos pássaros? Sim! A mesma liberdade da árvore era direito dos pequenos seres, pensou ele. De imediato buscou as gaiolas expostas na varanda da casa e soltou as aves aprisionadas para que buscassem guarida pelos campos que ele estava impedido de percorrer. A natureza os proveria do que precisassem para comer e beber. Quanto ao casal de papagaios, as anilhas amarradas em suas patas foram retiradas, mas permanecem empoleirados no alpendre ou ao redor da casa. Demonstram não querer perder o convívio e as histórias de Pedrinho. O menino e seu cão Minduim esperam o fim da pandemia para brincarem e correrem pelos campos e nadarem no lago.

O pangaré Alazão certamente os acompanhará em alguns dos folgedos, como era costumeiro. Pedrinho continua prisioneiro até que tudo volte a se normalizar, mas está feliz. Sabe que após a pandemia seus dias serão melhores. Imagina estar com muitos animais à sua volta o acompanhando nas aventuras pelos campos, correndo, saltando e nadando.

E quando voltarem dos passeios recostará na velha mangueira para conversar com eles e contar histórias. Quando estiver cansado ou com muito sono, a papagaia Fala Muito saberá dar conta do recado.

Realização



Apoio

